ESERVADO
235
. N. L.

ANACEPHALEOSES DA

MONARCHIA LVZITANA.

PELLO DOCTOR MANOEL
Bocarro Frances, Medico, Philoſopho, & Mathematico Luzitano.

DIRIGIDOS AO SENHOR
della el Rey N. Senhor.

Anno 1624.

Com todas as licenças neceſſarias.

EM LISBOA. Por Antonio Aluarez;

LICENÇA.

VIste liuro intitulado Anacephaleosis da Monarchia Luzitana, não tem cousa q̃ impida poderse imprimir. Lisboa nesta casa de S. Roque da Companhia de IESV 5. de Março de 1624. *D. Iorge Cabral.*

VIsta a informação podesse imprimir o liuro intitulado Anacephaleosis da Monarchia Luzitana Cõposto polo Doctor Manoel Bocarro, & depois de impresso torne para se conferir com o Original, & se dar licẽça para correr, & sem ella não correrà. Lisboa 27. de Março de 1624.

O Bispo Inquisidor Geral.

POdesse imprimir este liuro intulado Anacephaleoses da Monarchia Luzitana. Lisboa 29. de Março de 1624.

Damião Viegas.

QVE se possa imprimir este liuro vistas as licenças do S. Officio, & Ordinario em Lishoa a 15. de Abril 1624.

D. de Mello. *V. Caldeira.*

TAxasse este liuro em dous vintẽs. Em Lisboa 8. de Mayo de 1624.

I. Ferreira. *V. Caldeira.*

CONfire este liuro impresso cõ seu original. Està cõforme pelo que pode correr. Lisboa S. Roque 7. de Mayo de 1624.

Doctor Iorge Cabral.

DEDICATORIA

A EL REY N. SENHOR NO SEV CONSELHO DE Portugal, na Corte de Madrid.

AGORA, poderoso Monarcha, q̃ Portugal parece que està tão caido, com as ruynas de seus estados, & frotas, me ofereço a explicar esta Monarchia, pera que leuantado deste sono se eternize no mundo, fazendo nelle insigne a seu Rey, como jà fizerão a todos os passados. O que canto he tudo de V. Mag. & assi lho offereço neste seu conselho de Portugal, adonde parece, que sò se deue: assi por ser a materia, & sujeyto Portuguez, como porque nos Insignes Varões que rezidem neste Conselho se Ilustra, & Eterniza V. Mag. pois em cada qual se representa a Excelencia, & grandeza Luzitana, & se respeita a mesma pessoa Real. N. Senhor augmente a vida, & guarde a pessoa Carholica de V. Mag. Pera que com ella tenha effeyto o prognostico desta Monarchia. &c.

Lisboa. ao 1. de Março de 1624.

Humilde vassallo de V. Mag.

Dott. Manoel Bocarro Frances.

PROTESTAC, AM EM QVE O Autor declara ſeu intento.

EV o Doctor Manoel Bocarro Frances, Medico, Philoſopho, & Mathematico, digo, que por quanto nos quatro Anacephaleoſes, & em ſuas annotaçõe pode auer palauras, & ſentenças, cujo ſentido, & modo de dizer ſeja mal ſoante, ou menos regulado com a Fee Catholica, do que conuem, o que ſeria por minha inaduertencia, ou ignorancia & mais não entender, declaro, que minha tẽção he conforme em tudo com as determinaçõe da Santa Madre Igreja Romana, Concilios, & decretos dos Padres Santos, aos quais me ſobmeto, & tudo o que diſconformar dellas, deſde agora o condeno, & dou por nam dito: em fè, & teſtemunho do qual fiz a preſente da minha mão. Lisboa, ao 1. de Mayo de 1624.

Doctor Manoel Bocarro Frances.

ADVER-

ADVERTENCIA AO Lector.

EM quantos outros buſcando nouos modos de recreação, ſe diuirtião em varios paſſatempos, quis eu, a imitação de Alciato, empregar as horas que furtaua a meus ſtudos na meditação de algũas rimas: E porq̃ eſtaua deſconfiado (por minha pouca energia poetica) da materia, quis encobrirlhe os deffeitos na eleição da forma, que ſendo a da Monarchia Luzitana, me pareceo ſe eſtimaria por ſi, quando a Ryma a não fizeſſe deleitoſa, & amauel. Eſte meu penſamento reprouam muytos detractores, dizendo, que jà que poetizaua, o deuia fazer nalgum Poema heroico, cuja eſſencia conſiſtia cantar de hum sò varà, & que deſpois por Epiſodios, meteſſe o que pretendo da Monarchia Luzitana: & aſſi julgão eſte meu trabalho por imperfeito, como ja calumniaraõ o de Camões por dizer.

As armas, & varões aſſinalados.

São eſtas objeções rediculas, porque como a fabula ſeja alma do verſo, como diz Ariſtoteles, o Canto de couſas heroycas fica ſendo, poema heroico, ſem que ſe tenha reſpeito, q̃ ſeja a empreza, ou aſſumpto de hum, ou mais varões:

varões: assi Silio Italico, excellẽtissi. poeta no seu liuro de bello punico, propõe por objeto as armas dos Romanos.

Ordior arma quibꝰ cœlo se gloria tollit, Æneadũ.

Lucano na sua Pharsalia diz, que canta as guerras ciuis.

Bella per Æmathios plusquã ciuilia campos,
Iusque datum sceleri canimus.

E como excellentemente proua Hieron. Fract. no tract. de poetrica à materia do poeta saõ todas as cousas, o officio cantallas em verso, ou pera a proueitar, ou pera deleytar, a forma da poezia he aquillo que se canta: pelo que eu q̃ canto a Monarchia Luzitana, como se forão os feitos dũ capitão famoso, lhe dou à poesia forma Luzitana heroica & excellẽte:

Reparti este trabalho em quatro Anacephaleoses, conuem a saber compendios, os tres vltimos diuidi noutros fragmentos.

E no 1. Anac. (que intitulo stado Astrolog. & dedico a sua Magestade, como o Sõr desta Monarchia:) mostro Astrologicamente como em Portugal ha de ser a vltima, & mais poderosa Monarchia do mundo, & de passo toco na Pedra Philosophal, pella qual se conuertẽ todos os metais em ouro.

No 2. (chamado stado Regio, & offerecido

ao Senhor Dom Diogo da Sylua,& Mendoça, Marquez de Alenquer,&Duque de Franca villa, por se explicarem alli as festas de seus louuores:) canto todos os Reis que ouue na Lusitania. Desde o Conde Henriquez atte o Phelippe, que oje a gouerna.

No 3. (que chamo stado Titular, & dedico ao Illustr. Senhor dom Fernão Martins Mascarenhas, Bispo, & Inquisidor geral destes Reynos, por ser o principio deste canto, o de suas Excellencias & das grandezas dos Mascarenhas:) especifico aos titulos, que compõe a esta Monarchia, assim Ecclesiasticos, como seculares, fazendo hũa breue narração das terras subjeitas a esta Coroa.

No 4. E vltimo Anac. (q̃ nomeo por stado heroyco particular,& o offereço ao Excellẽtissimo Senhor dom Theodosio Duque de Bragança, por ser o principal Heroe desta Monarchia) relato os Varões Illustres, q̃ teue Portugal, com algũs dos que oje nelle se conhecem por de heroycos, & famosos feytos. Com o q̃ te nho satisfeito ao amor,& obrigação da Patria: mas ella como ingrata em quanto eu a andaua cantando, me perseguia de sorte com extroções,& injustiças, por meyo daquelles mesmos Heroes que eu celebraua, q̃

estiue

eſtiue por queymar tudo o q̃ tinha feyto, pois não auia de auer Cezar, que impediſſe eſta execuçaõ de Virgilio; Teue meu auo Ioáo Bocarro filho de Antonio Bocarro Capitaõ que foy de Safim, a meu Pay sò filho ſeu legitimo & teue outros muytos baſtardos, que neſta Cidade ſe fizerão muy ricos, & tyranos, os quais aniquilando a honra dos Bocarros tomarão mercantins exercicios, & ocaſiões de perſeguirem a meu Pay: porque saõ mais fauorecidos, & amparados: & a mi, cujo intento he ſo o augmento da patria perſegué os meſmos Luzitanos, & Miniſtros com tanto rigor, que poſſo dizer com Camões, que não menos milagre he o eſcapar delles avida, do que foy o acreſentarſe ao Rey Iudaico: eſte foy o motiuo pera o incendio de minha obra: mas ſendo neceſſario obedecer, aos que era forçoſo ſeruir, ſuſpendi a execuçam: mas ná quis logo tirar mais a luz, que eſte primeiro Anaceph. prometendo, ſe for aceyto, & eu mais amparado da juſtiça, & verdade, ſem tantas extroções, de fazer logo eſtãpar os outros tres & ſeus fragmentos. VALE.

ANA-

ANACEPHALEOSES DA

MONARCHIA LVZITANA.

ANACEPHALEOSIS I.

Stado Aſtrologico.

DEDICADO A MAGESTADE
Catholica de el Rey Dom Phelippe III.
deſte nome em Portugal,& Señor
deſta Monarchia.

I.

SE, em quanto, do Aceſtereo almo Muſeo,
Triſteza me conduz a eterno pranto,
Deſcanço, qual afflicto o Rey Hebrèo,
Se entre o graue tormento tal vez canto:
Sem competencia do ſoberbo Orpheó,
Auxilio buſco no Apollineo canto,
Que a pena inda, que aflija, & que atormente,
Parece, que cantada ſenão ſente.

2.

A supremos furor banhou diuino,
Emulação Platonica Monarchas,
Tendo na Lyra,escudo diamantino,
Contra a potencia das prefixas Parcas:
No tecto transformados Cristalino,
(Bem como com Calixto se vio Arcas)
Poetizando se acharão,& o do espanto
Reyno,se suspendeo co Thracio canto.

3.

O vulgo sò,de Pallas monstro horrendo,
A Santa,que não sabe,arte reprova,
Indigno abate,Podalyrio sendo,
Se medico,tal vez,do Helicon prova:
Mal julga,que da Sophia retrocendo,
Sujeito,por fraqueza na arte,innova,
Que antes impenso engenho significa,
Que Apollo meditando clarifica:

4.

Mas a causa,em que alento,& forças tomo,
Perfeição Luzitana,que despreza
A Escriptora mordaz do ethereo pomo,
Premio,que instituyo da mòr belleza,
Espiritu me infunde,com que domo
O vulgo ignauo,& com que a mente acceza
Do Luzo a Monarchia determina
No plectro modular,que Euterpe afina:

5.

E tu que no Apogeó te leuantas,
Da que emprendo, materia, Illuſtre Ephebo
Cujo ſceptro compreende illuſtres quantas
Partes Thetis circunda, & Gyra Phebo;
Tu Monarcha Bettigena, a quem tantas
Mageſtades reſpeitão, ſem que Erèbo
Te poſſa vacillar ao peito forte,
Pois por tal ſe izentou da ley da Morte:

6.

Humanando a prezença, que deidade
Imita Sacra vè do Luzitano,
Que dominas, Imperio a Mageſtade,
Que no mundo te faz mais ſoberano:
Ouue da Monarchia a poteſtade,
Não confirmada ſó por braço humano,
Mas tambem pella força do deſtino,
Que nos Aſtros retrata, o Ceo diuino:

7.

Ouue, ſublime Rey, que não fingindo,
Do Luzo a Monarchia & ſceptro, canto,
Em quanto tu da fama a porta abrindo,
Me dàs materia a mais ſubido canto:
Então de nouo o peito reueſtindo
Do poetico furor, ſe aſpiro a tanto,
Pode ſer que a Alexandre ſe viuera,
Enueja inda mayor o entriſtecera.

E vos,

8.

E vos, ò fortes Luzos, que criaſtes,
Do que proponho intento, o graue effeito,
Aduerti, que nas glorias que ganhaſtes,
Só pretendo, cantandoas, ſer aceito:
Nãa ornado de Lybicos Ceraſtes,
Mas de nobre doutrina o Luzeo peito,
Maraulhas, que vio cantar ſe exhorta;
Sonho da Acharonteà eburnea porta:

9.

No retrato da morte deſcanſaua
O laſo eſprito, refuçilando a vida,
Morpheó no ſentido retrataua
á cauſa, sò por elle então perdida:
Das impreſſas Ideàs me formaua
Imagem, de meu peito a mais querida,
Iulgando a fermoſiſſima Amaryllis,
Qual por Demophoonte a bella Phyllis:

10.

Contente neſte objeto, (no enganado)
Precipitou do amante ao ſofrimento
Feruente Megareyo, ſe inçitado
Da cauſa ſuperior de meu tormento:
Mas ſem Metamorphoſis no cuidado,
Em lugar de Amaryllis, toco ao vento,
Sombras dum chaos inualidas, da ſorte,
Que perdeo o de Rhodope a Conſorte:

Quei-

11.

Queixumes iterando, repetia
Amaryllis, enuão, pois não se esconde
Do peito, a que dos olhos se escondia,
Dizendo, adonde estàs, Senhora, adonde?
Mais que a Lacena Europa, ou q Orithria
Hũa Ninfa galharda me responde,
Que se o poder de Amor me sobresalta,
Ser Paris, Ioue ou Zephiro me falta:

12.

A voz me suspendeo, imaginando
Conuertida Amaryllis em Deydade,
Como em aruore Dapfne, aniquilando
Não de Phebo, de Piramo a lealdade:
Mas a que me increpaua contemplando
O dezengano vi, na Magestade
Brilhante resplandor, prezença estranha,
De que a formosa Ninfa se acompanha:

13.

Rota o vestido, & quasi como em Ida
Se pretendeo o pomo, ou Eua o colhe,
Mas de tal pudicicia guarnecida,
Que attè no pensamento offensas tolhe:
Na direita hũa lança, & sobmetida
Na esquerda a de Amalthea, em q recolhe
De Flora o Senhorio, & de Pomona,
O Galero pizando de Bellona:

Desta

14.

Deſta maneira reſplandor veſtindo
O ſonho à bella imagem me afigura,
Senti logo na viſta, que influindo
Eſtaua a perfeiçaõ, que ao mundo apura:
Es Sacro Incola tu do Oetha, ou Pindo?
Ou, là do Olympo Angelica creatura,
Lhe diſſe, o bella Deoſa, ou es a ſombra,
Da que quero nacida, que me aſſombra?

15.

Naõ ſou quem cuidas, diſſe, que ſomente
Entre os homẽs naci, mas de tal ſorte,
Que de Ioue alcancey nome eminente,
Que ſempre ſe eſtimou na etherea corte:
O titulo exagero de excellente
Ao nobre, & valeroſo, ao ſabio, & forte,
Attè, que com ſupremo, & diuo ornato,
No numero dos Deoſes o relato:

16.

Eſte pobre veſtido, da riqueza
Significa o deſprezo, que me exalta,
A lança he de meus emulos defeza,
A Cornucopia de meus bens ſe eſmalta:
E como em mim conſiſte a fortaleza
Qualquer arma attropello, que me aſſalta,
Que ſou do mundo a Honra verdadeira,
Vitelio me pintou deſta maneira:

Suſten-

17.

Sustentada co sangre dos Monarchas
Estou de Ethereos selos guarnecida,
Liurando meu poder de Stygeas Parcas,
O que, por meu respeito arrisca a vida:
Em sceptros colloquey toscas abarcas,
E d'elles abati, mais attreuida
àquelles, que comigo dezestima
O mundo por vil acto, ou duro Stygma:

18.

Por mim, mais que por Iuno, o forte Æthèo
Domou ao vastador do Arcadio monte,
Ao monstro do Parthenio, ao do Nemèo,
à Hydra, ao Touro, & Bellua do Acherõte
Busiris, & Gyrion co Lybio Antèo,
E triunfando tambem do Thermodoonte,
Dos Centauros, Bistonio, & Caco errante,
Ao Polo sustentou co velho Atlante;

19.

Por mi touros, que o fogo respirauã
Do aureo guardadores Vellocino,
Dragão nunca dormido, & que admirauã,
Vence o que arou primeiro ao mar Euxino
Por mi tambem o Egides profligaua
Muytos co Peripheya, & Scine indigno,
Fere ao brauo animal do Calidonio,
È Madre do Erimanthio, ao Maratonio:

A nobre

ANAC,EPHALEOSIS. I.

20.

A nobre,que alcançarão gloria eſtendem
Comigo Heroes famoſos,como acclama
Nas obras,que meus titulos defendem,
Por hũ,& outro Hemiſpherio,a meſma fama;
Os nouc de ſeu Throno, Auernas rendem
Potencias,co louuor que ao mundo afama,
Que como alimentados de meus peitos,
Fizerão no vniuerſo heroicos feitos:

21.

E tendo exaltação meu Solio altino,
Em varias,que illuſtraua, Monarchias,
Formey em cada qual ſoberbo archiuo,
Unidas na virtude as Sympathias:
Eſcolhidas da Aſtrèa,& de Gradiuo
De eterna fama açções nunca vazias,
Os Magnates fizerão,que eternizo,
Aquelles,porquem Diua eſtrellas pizo.

22.

Mas ſe jà me exaltei, com gloria eſtrenha
Nos do mundo varões mais ſoberanos
Nunca foy tão ſuprema, ou fuy tamanha,
Como quando me via entre os Hiſpanos:
O collo alleuantey na forte Heſpanha,
E produzindo nella aos Luzitanos,
Me fiz no mundo ouante,& excellente,
Por eſta,em quẽ me illuſtro, heroica gente:

A gente

23.

A gente Luſitana, cuja eſpada
Pellas armas trocou Ioue Tipheas,
Contra imigos Gigantes; ſò de honrada
Em meu Templo alcançou glorias Peneas;
E ſendo a mais no Marte aſſinalada
Da parte Occidental às Nabatheas,
Ella só ſuſtentou com força eſtranha
A honra em Portugal de toda Heſpanha.

24.

Vendo pois o conſorte de Lucina
Valor nos Portuguezes tão ſupremo,
No Concilio dos Deoſes determina,
Em ſeus hõbros formar ao Throno extremo:
As Monarchias todas, que arruina
Da fortuna o poder, que eu nunca temo,
Nos voſſos ſe hão de vnir de tal maneira,
Que ſeja a mais potente, & derradeira:

25.

Que como eu me eternizo, na famoſa
Gente do Luzo meu, com tal grandeza,
Que ſeja mais que todas victorioſa
Fas Ioue a Monarchia Portugueza:
Porque ſendo a nação mais bellicoſa,
De mais heroico brio, & fortaleza,
Quando a Fortuna o Throno lhe auerigua,
Não lhe poder exceder nenhũa antigua.

26.

Pois ja te declarey meu ſer diuino,
Por ſer delle capaz, do peito expelle,
Ao fogo ſe te abraza, do menino,
Que pario Cytherèa, ardendo nelle:
Em rigor ſe conuerta diamantino
O coração, co doce affecto, imbelle,
Se ſabes, que foy eſte, o duro eſtrago
de Troja, Iberia, & Roma, ſem Cartago:

27.

Antes comigo eternamente chora
Tantos grandes Bettigenas, que cria,
Fazendo eſcraua a patria de Senhora,
Em tão molle delicia a Monarchia:
Antidoto do Ceo comigo implora
Contra a peſte da honra, que perdia
Othon, a quem nenhum no vicio iguala,
Sardanapalo, Antonio, Caracalla:

28.

Sentem que vay o Imperio enfraquecendo,
E a cauſa ſe não ſente, deſte dano,
Querem darlhe o remedio, & não no tendo
Se precipitão mais no cego engano:
Não vẽ do ocio letheo ao monſtro horrẽdo,
Ao regallo couarde, ſe profano,
A pompa vam, ao gaſto ſumptuoſo,
Ao cortezão vencido de medroſo.

29.

Principio he da Sophia verdadeyro
Que o que à couſa produz, iſſo a conſerua,
O Reyno aſſim tambem, co que primeiro
Se adquerio, de altas ruinas ſe reſerua:
Se o forte o produzio, & ſe o geurciro,
Vencendo com trabalhos a proterua
Fortuna, na batalha horrenda, & braua,
Como o conſeruarà a Corte ignaua?

30.

Se a frequentão ſomente os eſpectaculos,
Que não podem parir triunfos famoſos,
E em lugar da virtude, os tabernaculos
São de enganos mortais, & portentoſos:
Como hão de ſer da aduerſa ſorte obſtaculos
Os criados a peitos tão monſtruoſos,
Nem como ao que adquirio braço robuſto,
Pode conſeruar fraco, ou peito injuſto?

31.

A Tonante agradeça o Luzeo Imperio
A ſumma exaltação, que lhe dilata,
Que eſtando (o tẽpo atroz) no Climaterio,
O liura do perigo, & ſorte ingrata;
Aquite ey de moſtrar neſte Hemiſpherio,
Como a todas o Folo desbarata
Monarchias do mundo, & que ſomente
Fas a dos voſſos grande, & preeminente.

32.

Veras a poteſtade deſcuberta
Do floreceute Imperio, & dilatado,
Que do vago, que tem, o Ceo liberta,
Pera mais graue, & mais ſupremo eſtado:
Dos Aſtros na potencia a mente experta
Do Portugues verà ſublime o Fado,
Que Deos quaſi ab eterno engrandecia,
E nas luzes Celeſtes o eſcreuia:

33.

Neſte monte de tudo comprendido
Tenho o caſo fatidico, que agora
Quero que o mundo ſayba ja aduertido,
So deſta marauilha a cauſa ignora.
O Templo por Tonante concedido
A minha perfeição, como ſenhora
De tantas excellencias no arduo monte,
Aduerte, que emnobrece eſte horizonte.

34.

Hũa machina vi fermoſa, & rica,
De materia incorrupta, & tranſparente,
Que, com primor Ionico, edefica,
Por famoſo Architecto obra excellente;
Não foy, o que milagre ſe amplifica
De Phebe, ou ſumo Amon, na Lybia ardente,
Digno de tal louuor, grandeza egregia,
Pois de Apollo excedia à caſa Regia.

No

35.

No frontiſpiçio externo, em varia tinta:
A machina do mundo verdadeira,
(Como Deos a compos) inſculpe, & pinta,
Sem dar materia na criação primeira:
Aos Aſtros não pintou de eſſençia quinta,
Senão de elementar pereçedeira,
Pois forão, como Olympo, todos feitos,
Dos noſſos elementos, ſe perfeitos:

36.

Pintou deſpois a terra toda vnida
Nos elementos quatro, & deſte modo
Por materia primeria compreendida,
Cauſa a pos material do mundo todo:
Deſtes corpos ſimpliſſimos naçida
Pos a maſſa de Adão, que terra, & lodo
Chama o Vate diuino, porque entende
Por ella, aos quatro corpos, q̃ compreende:

37.

Da parte philoſophica, a mais pura
Alli tambem pintou graue theſouro,
E ſupremo ſegredo da Natura,
Que cõ Triuia augmentaua o Delio louro:
Claramente entendi, que na Scriptura,
A ſemente, que vi, da prata, & ouro,
Não podia entenderſe, que a verdade
Em voz ſe conſeruou, em puridade:

38.

Em ſeu objecto meditando aſſiſto,
Vejo ſabios antigos, que ſe empregam
Em ſua expoſição, a Tremegiſto,
Por donde com Geber todos nauegão:
Mas o effeyto da cauſa, & que tem viſto,
Por não ſe diuulgar, muytos o negão,
Cobrindo, com equiuocos enredos,
Da ſabia natureza eſtes ſegredos:

39.

Iulgaua ſer a Phenix, occultada
De poeticas enigmas, que ſuſtenta
Arabia nas aromas, propagada
Em fogo, que não queima, & que auiuẽta:
E ſer o ramo de ouro, com que agrada
A Proſerpina Eneàs, que ſe augmenta
De ſi meſmo, de ſi, naturalmente,
Por virtude da occulta, alma ſemente:

40.

Os ſabios, que notaua, reſoluião
No Mercurio que foy, nos elementos,
A rayz do metal, que conhecião
Que do Mercurio teue os fundamentos:
Deſpois na redução deſta, que vnião,
Prima materia, (nota altos intentos)
Se via eſta ſubſtancia bem diſtinta,
Que com razão ſe chama Eſſencia quinta:

41.

A Pedra he dos Philoſophos, que o mundo
Eſtima, & não conhece, confeſſando,
Que pode com ſeu ſer grande, & fecundo,
Ir eſpecies diuerſas tranſmutando:
Porque jà reſoluidas, com profundo
Intento, na materia, que formando
As foy, como elemento, que as ſubſtancia,
Se podem transformar noutra ſubſtancia.

42

Bem claro ſe demoſtra, quando vemos
Fazer de cinza vidro, & cal de pedra;
Os metais tranſmutar aſſi podemos,
Se o Lapis famoſiſſimo ſe empedra:
Mas de diuerſas couſas não faremos,
Nem dos metais ſomente inſigne a Pedra,
Que teue mais occulto o fundamento,
E sò ſe ha de tirar do viuo Argento:

43.

Pedra só por Metafora ſe chama;
Que verdadeiramente he hum compoſto
De terra, agoa, de ar, de ignita flama,
Em hũa sò natura, & couſa poſto:
No vulcano ſe apura, augmenta, & ama,
Como por nutrimento, nelle impoſto,
Que em que tudo no fogo ſe euapòra,
A Pedra nelle viue, & ſe melhora:

ANAC,EPHALEOSIS. I.

44.

Eſte Lapis,compoſto tão ſubido,
Em dous modos,ou proprios fundamẽtos,
Antes da operação he diuidido,
Que delle ſaõ principios,& elementos:
Eſpiritu ſutil,& corpo vnido,
Os dous ſaõ,do que digo,os inſtrumentos,
Hum ſaye deſte,& eſte rege eſtoutro,
Ambos vnidos,& hum melhora a outro:

45.

Chamado he hum dos Sabios Maſculino,
Femenino o ſegundo,que a juntando
Como de agentes naturais, o digno
Compoſto,que alli vi,ſe vay formando:
Foy iſto ir o Mercurio ethereo,& fino
No corpo da Magneſia congelando,
Que a materia do Lapis he ſomente
Azouge,& ſeu Enxofre juntamente:

46.

Não foy o Azougue,não, que cà ſe cria,
Que por elle tomarão a humidade
Da Pedra inſigne,& pello Enxofre via
Todo o cõpoſto, Azougue em dignidade:
Nem foy o humido não,que eu conhecia,
Mas outro de excellente calidade
Que pello fogo corre,onde aparelha,
A Pedra,q̃ embranquece,e q̃ enuermelha:

Tam-

47.

Tambem eſta humidade, que notaua,
Ar proprio ſe dezia: & ſe mixtura
cos outros elementos, que enſerraua
Na Pedra, então ficando branca, & pura:
Argento viuo o ſabio lhe chamaua,
E ſuppoſto que he pouca, a Pedra apura,
Donde humidade foy, de tal maneira,
Que a perfeiçáo lhe deu mais verdadeira.

48.

Se ſabes conuerter, com ſubtileza,
No Mercurio, que digo, ao rutilante
Metal, conheceràs a natureza
Da materia do Lapis, tão preſtante:
He das Philoſophias a pureza,
Na materia primeira, ao circunſtante
Objecto conuerter, por arte, & modo,
Deſte ſegredo o fundamento todo:

49.

Na pintura, que digo, ſe enſinaua,
Que co Mercurio o ſeu Enxofre adjunto,
Como com femea o macho, ſe enſerraua,
Pera ſe conſeguir o graue aſſumpto:
Num vidro forte, & bem tapado eſtaua
O que vou referindo tudo junto,
Hum fogo philoſophico o cozia,
Que de contino ſem queimar ardia:

50.

Foyſe num liquor Lacteo, conuertendo,
E deſpois noutro negro, como a tinta,
E logo, como neue, embranquecendo
Se vio aquella maſſa, eſſencia quinta:
Deſta a prata ſe faz & mais ardendo
No fogo, que jà diſſe, a cor diſtinta
De Robi ſe vio claro, que alcançàra,
E perfeito Elexir então ficara:

51.

Ficou a inſigne Pedra dura, & leue,
E em fogo mais poſente em pòs desfeyta,
Tão grande perfeição foy a que teue,
Que ſemente ſe vio do ouro perfeita:
Porque jà conuertia em tempo breue
Hũa parte ſomente, que ſe deita
Em mil de Azougue, ou de metal liquado,
Tudo em ouro perfeito, & apurado:

52.

Deſpois ficando eſte ouro inda ſemente
Hũa parte deitada conuertia
A mil de outro metal, no reluzente,
Mais fino, que o que Arabia em fios cria:
Tambem o Elexir branco, & tranſparente
Em prata perfectiſsima tazia
Conuerter ao metal donde tocaua,
E em mil hũa sò parte ſe deitaua.

Eſta

53.

Esta Pedra o rosal he, donde as rosas
Os Philosophos colhem mais fragantes,
Da madre natureza as mais fermosas,
Mais puras, mais perfeitas, & abundantes:
He medicina tal, que as perigosas
Enfirmidades cura, & reluctantes,
(Por occulta virtude em tudo plena)
Melhor do que Galeno, & que Auicena:

54.

Estando na pintura suspendido,
Que sciencia tão prestáte em si continha,
Fuy da Ninfa a deixalla compellido,
Que obedecerlhe em tudo me conuinha:
O segredo, que ves, (disse) escondido
O tem a Natureza, que adeuinha
Se o quiser declarar tão vulgarmente,
Que exicio venha a ser do mundo, & gẽte:

55.

Em poucos seus amantes o conserua,
A quem o Ceo benigno fauorece;
Que a gente ambiciosa, vam, proterua,
Saber tão grandes cousas não merece:
Nem cuydes, que thesouro grande açerua
O que a caso, com tanto bem florece,
Que he delles inimigo, & da cobiça,
Amante só do Ceo, só da justiça:

Nem

56.

Nem tão pouco o ſegredo ſe effectua
Com artes já vedadas de profanas,
Que he sò Philoſophia vera,& nua,
Eſpeculando as cauſas ſoberanas:
Sempre aquelle ſe louua,que arde,& ſua,
Por ſaber os effeitos que as humanas
Cauſas eſcondem;ſabeas o erudito;
Mas nota o campo ameno donde habito:

57.

Soberbo paſſa attropellando o monte,
Veſtido de Manorte,irado o geſto,
Outro nouo,ſe vão,Bellerophonte,
De hũa nuuem çercado,obſcuro,& meſto:
à Ninfa rogo,que quem he me conte,
Se o preſagio da nuuem tão funeſto
He de ruyna,ou de imatura morte;
a Ninfa me reſponde,deſta ſorte.

58.

Quando ſinco Agarenos ſuperando
O Santo Afonſo,a quem Tonante inçita,
A Chriſtifera imagem venerando,
A progenie no Ceo vio quaſi eſcrita;
Que na decima ſexta extenuando,
Se iria lhe prediz Sacro Eremita,
Suſtentada porem do ethereo Choro,
Noua honra alcançaria, & mais decoro:

Che-

59.

Chegouſe o tempo não feliz, mas certo,
Que rogando euitar não poſſo ou baſto,
Do Reyno congregou o pouco experto,
A gente, que perdeo fatal Sebaſto;
Da nuuem, como o viſte, vay cuberto,
Porque na morte, como ves, o engaſto,
Que as vezes he defenſa do mao fado,
Iuyzo pera Deos só reſeruado.

60.

Cometas pello Olympo coruſcantes
Prognoſticarão a fatal ruina,
A propria sò dos Reis dos Garamentes
O prodigio pera Atropos deſtina;
Reſeruão as eſtrellas ſcintillantes
A do Occiduo Godo, que fulmina
Ià rayos contra o mũdo (ah grão Phelippe)
Mil vozes proclamando que o deſſipe.

61.

Do tempo, que reſiro, & não conſumo,
Em quanto os caſos miſeros expendo,
Compaço gyros, & medindo o rumo,
Vou da Fortuna o Polo compreendendo:
Do Mouro, que ſe exalta então, preſumo,
Pellas cauſas Celeſtes deſcorrendo,
Que ſeu termo oje tem, & a Mageſtade,
Aquella que venceo naquella idade:

Venceo

62.

Venceo ao Lusitano, que a ventura
Dominador criou de Berberia,
Mas como a mutua sorte, (que procura
Formar a Portngueza Monarchia)
Indigesta estiuesse, & não madura
Naquella perfeição, que o Ceo queria,
Venceo ao vencedor ao Luzo forte,
Que agora incita o Ceo, exalta a sorte.

63.

Aos Astros entregou o Padre eterno
(Mas de tudo ficou principal Causa)
Deste mundo inferior todo o gouerno,
E nelle cada qual seu poder causa;
Daquelles sete errantes, o superno
No globo se voluendo, onde não pauza,
Se vio no domicilio coruscante
Do Planeta mayor, co grão Tonante.

64.

Da conjunção passada os acompanha
A energia nos effeitos, nos rigores,
Que no signo Chyron, señor de Hespanha,
Tuerão estas Luzes superiores:
Nesta potencia, nesta furia, & sanha,
Os dominantes Astros aos mayores
Imperios, Senhorios, & Monarchas,
Ao Lethe inclinão, a infelices Parcas:

Tambem

65.

Tambem nelles affirmão, que domina
Varia Eccentricidade do Sol claro,
A que hum pequeno circulo declina,
Que a Roda da Fortuna ser declaro:
Na quarta conseguinte se arruina
O Reyno engrandecido (o Throno auaro)
No desta roda proximo quadrante,
Que o termo nelle tem de estar constante.

66.

Exaltouce Maumeth na precedente
Deste circulo quarta, insignias dando
Que nesta que começa Astripotente,
Ao fim se inclina triste, & miserando:
Na conjunção Aquatica, eminente
Imperio dilatou, afigurando,
Que na de fogo opposta, perderia
Co nefando Alcorão, a Monarchia.

67.

E como da Fortuna no Quadrante,
E conjunçao de fogo, a Magestade
Do Luzo, este do mundo a mais triũfante,
No lugar Cazimi, grão dignidade;
A Monarchia occupa. (o que Tonante
Permitta conceder:) na prisca idade
Se mudou desta sorte o Senhorio,
De Belo, de Alexandre, & de Dario.

Com

68.

Confirma a Luſitana preeminencia

A mudança dos Auges, que virada
Pera o Luzo a do Sol; grata influencia
lhe infunde, com Turquia deſſolada
Eſta cauſa alcançou tanta potencia,
Que faz a parte oppoſta inhabitada,
O potente dominio confirmando
Naquella, pera a qual ſe vay girando.

69.

Do Orbe Magno tambem a força eſtranha,
(meditação ſe incognita ſublime)
Na parte occidental da nobre Heſpanha,
O regio, que a ſublima, Fado imprime:
E como de tão graues ſe acompanha
Cauſas, que referi, a ſorte opprime
Contraria, de tal modo, que parece,
Que ſó pera os do Luzo ſe engrandece.

70.

Mas não quero, que entendas, que he preciſa
Dos Imperios verdade, a que te explico;
Que pendem do que eterno os globos piza,
mais que do nas eſtrellas Fado iniquo:
Nem eu, como infaliuel Profetiza,
O Luzitano exponho imperio rico;
Que ſó no vniuerſal, que aqui regulo
Da natureza as cauſas eſpeculo;

Com-

71.

Comprendem muytas vezes do vniuerſo
Aos ſucceſſos gerais, quando a Suprema
Effeyto não lhe ordena outro diuerſo,
Iuizo ſeu, que a terra occulto tema:
O felice do mundo, ou Fado aduerſo
Não he perfixo, não, como blasfema
O que contra a razão com peito impio
Al berdade nega do aluedrio.

72.

Das cauſas naturaes ao ligamento,
Que gouerna immortal Omnipotencia,
Fado, ou Fortuna chamão, ſendo intento
Effeito da diuina prouidencia,
O humano não ſe força entendimento,
Que vence ao que ſe inclina co a prudẽcia,
E o ſabio, ſem temer o affeito dellas,
Nas altas, que ſentio, domina eſtrellas:

73.

Denotão (como explico) na pequena
Terra de Portugal, Imperio Ouante,
Que ſupremo has de ver, ſenão condena
O Ceo por outra cauſa ao pouo amante:
Por juyzos incognitos ordena
Muytas vezes no mundo o grão Tonante,
Contraria, da que o Ceo prediz, mudança,
Mas eſta pellos Aſtros não ſe alcança:

74.

A que nos sceptros canto, & que engrandece,
Por Celeste influencia ao Luzitano,
Tambem nas aras Delphicas parece,
Que o Throno cõfirmou se não me engano:
Dizem mil vaticinios, que florece
Contra o nefando Hereje & Mauritano,
(Prodigio que nos Astros se escreuia)
Extremados do Tejo a Monarchia.

75.

A razão o confirma, especulada
A sorte, que no berso antiguamente
Deste sublime Imperio, lhe foy dada,
Com as armas de Christo Omnipotente:
As armas concedeo à gente ousada,
Com q̃ ao mundo liurou do Auerno ardẽte,
Pera o liurar tambem do cego engano,
Ao sceptro subjugando o Luzitano:

76.

Pera que as mais do mundo ignotas Plagas,
E a gente, que o habitou por varias partes,
às Santas se humillasse de Deos Chagas,
Rendida aos Portuguezes estandartes:
De então (o Reyno bellico) propagas
Da grandeza o valor com arduos Martes.
De então não mãda o Ceo à guerra Alados,
Que vsa dos Portuguezes por Soldados:

Liber-

77.

Libertarão tão poucos Luzitanos,
Por victorias insignes, & glorioſas,
A todo Portugal, dos Maumetanos,
Que as terras habitauão deleitoſas:
Tomarãolhe deſpois, nos Africanos
Campos, Cidades, Villas populoſas,
Não conſentindo à gente iniqua, & dura,
De ſeu valor, na Lybia eſtar ſegura.

78.

E com mais arrogantes penſamentos,
Por climas, & por ceos de abrigo incertos,
Fizerão ja tremer os elementos
Nos mares nunca doutrem deſcubertos:
De audaces finalmente atreuimentos
Mouidos no ſeruor da guerra expertos,
Nouo Imperio na Aurora edificarão,
Adonde a ley de Chriſto eternizarão:

79.

Tremeo o Mulauar, Turco, & Cambayo,
O Samorim potente, co Perſiano,
Toda a India tremeo, da furia, & rayo,
Que na guerra vibraua o Luzitano,
Pallido a tantos Reys cobrio deſmayo,
Do Portugues ouuindo o nome vſano,
Sojeitas, & vencidas nações tantas,
à bandeira, que arnora as Chagas Santas.

ANACEPHALEOSIS I.

80.

Entre annales nenhum calamo exàra
Mais querida nação do patrio Marte,
No amor de seus Monarchas mais preclara,
Virtude, que só nella o Ceo reparte:
Ostentou na obediencia, na fee rara,
Egregia perfeição de toda a parte,
Na Santa exaltação da Igreja em Lacio,
Ser Cocles, cada qual do Luzo, Horacio:

81.

A terra, que Dione tanto estima,
Fez a Astica capaz de seus poderes,
Que tambem se illustrou fertil, & opima,
Cos dõs de Pallas, Baccho, & da alma Ceres,
Logo bem ponderey, quando de cima
Lha significa o Ceo, (se en fim quiseres
A potencia negar do ethereo Thema)
No Tejo a Monarchia mais suprema:

82.

Mas entre as que explicamos, singulares
Causas dos Senhorios, considera
Effeitos, que direy, particulares,
Por donde o Luzitano tanto impèra:
Da Aurora as terras, & do Oriente os mares,
E todo o globo Occidental, espera
Por seu dominador ao Luzitano,
Que restaure em seu seculo o de Iano.

Os

83.

Os Aſtros, que diſpoem por mandamento
Da Cauſa incompreendida ao baxo mũdo,
Heliaco deſcobrem nacimento
Do Varão no Occidente ſem ſegundo:
Das virtudes ſerá nouo ornamento,
E com valor magnifico, & profundo,
Na guerra eternizando ao peito experto,
Sera com mil grandezas deſcuberto:

84.

Do coração do tumido Occeano
Leuanta o braço; treme co as nadantes
Aues de homẽs prenhadas o Ottomano,
Desbaratado jà cos Garamantes;
Tras em ſeu nome o ferro, & tras vulcano
Nos feytos memoraueis, & arrogantes,
Com que ao mundo attropella, que domina,
Em quanto jà rendido ſe lhe inclina:

85.

Extremo ſuperando o Promontorio,
Repentino Alexandre nas victorias,
Seu nome, & ſeu poder, ſarà notorio,
Vencendo famas, vſurpando glorias:
De Saturno, & de Ioue o adjutorio
Peregrinas eſpadas (nas hiſtorias.
Incognitas, mas viſtas là dos Fados)
Contra os rebaldes moue ſobjugados:

86.

Excidio sintirà todo o potente
Opposto a seu valor sempre orgulosõ,
O Dorio, o Anaõ sala, a grão corrente
Enfiado atràs reuoca, & temeroso:
ò tempo Saturnino, ò excellente
Effeito, à patria Hesspanha venturoso,
ò conjunção benigna de Planetas,
Feliz apparição de altos Cometas!

87.

O mundo tema do pendente aballo
Na parte mais extrema ò arruinarse,
A guerra nelle aceſa, entronizallo
Festeje, se co Luzo ha de ajuntarse:
ò Princepe vallente se me callo,
He, porque teu valor eternizarse
Por si se deue só, admira à terra,
Perdoando na paz, vencendo em guerra:

88.

Conheci, disse então, (ò Ninfa bella)
Ao Phelippe, que dizes, & inda espero,
Que Indigete se inuoque de Castella,
Conforme o Natalicio considero:
Ià no Ceo o predisse a linda Estrella,
Quando o sceptro tomou graue, & seuero,
Co a vida Ioue amigo lho prorroga,
A bella Cytherea ao Padre o roga.

O for-

89.

O fortunado Principe, & conſtante,
Que neſte monte (ó maximo) prezides,
Incita, incita ao Munda, incita Atlante,
Que a ſeus Reis venceràs, não no duuides;
Verte has inda em victorias mais triũfante,
Que Hector, Viriato, Artur Cezar. Alcides
Outro forte Samſam, Dauid Hebrèo,
De Salem nouo Duque Machabèo:

90.

Se à Mathetis ſe dà graue o ſentido
Naquillo, que a Prudencia o não contraſta,
Eſte Heroe (diſſe a Ninfa) eſclarecido,
A atropellar do Turco o ſceptro abaſta:
Com ſumma expedição, com nunca ouuido
Exercito tão grande, donde engaſta
O Ceo proprio fauor, ha de ſer viſto
Na terra, que pizou no mundo Chriſto.

91.

Sojeita ha de leuar a gente, izenta
De Rey là no Adriatico Tridente,
Que com vingança atròz, ſanguinolenta,
O Ceo lhe ha de entregar, num caſo vrgente:
Aquella, a quem de Anglia a aura alenta,
Do pertinaz error jà penitente,
Por meyo conuertida de hũa Infanta,
Neſta conquiſta irà da terra Santa:

92.

O de Suecia, Dania, o de Polonia,
Moscouita intratauel, Scytas, Getas,
O grande de Alemanha, & terra Ausonia,
De Gallia as gentes brauas, & inquietas,
No Luzo hão de fazer propia Colonia,
Donde todos, Christiferos Athletas,
Debaxo do pendão do Godo Antheo,
Irão cobrar de Christo o Mausoleo.

93.

Conquista he memoranda, donde exalta,
Que abatida par e, a Monarchia.
Do Portugues valor, vencendo assalta
Ao dilatado Imperio de Turquia:
O que benigno pellos seus se esmalta,
E de brilhantes Luzes se varia,
Tremulos Sacro Olympo expelle rayos,
Vingança vniuersal, da morte ensayos:

94.

Aquella de quem sempre está cercada
A Panompheà essencia, & Padre Eterno,
Verdade, em seu louuor será acclamada,
Que o mundo a penas via em seu gouerno:
A ordem em fim do Ceo manifestada,
(Terriuel confussão do Sceptro Auerno)
Quera ao mundo fazer todo sojeito,
De hum Varão tão catholico, & perfeito:

Antes

95.

Antes deſtes effeitos deſcendentes,
E da que te expliquey, ardua conquiſta,
As plagas (diſſe a Ninfa) mais vrgentes,
Que Deos mundon propor ao Rey Pſalmiſta,
O mundo ha de ſentir, em differentes
Partes, ſem que algũa ſe reſiſta
Do exicio, que o Planeta lhe prouoca,
Se Iuppiter benigno o não reuoca:

96.

Veràs em nouos Thronos dignidades,
Reſpublicas deſfeitas, Magiſtrados,
Com grande confuſſão, com nouidades
Nas caſas dos Magnàtes, nos eſtados:
Vacillantes as ſummas Mageſtades
Ià dubios correrão, ja duros Fados,
Os varões de prudencia mais expertos,
Suſpenſos eſtarão, da mente incertos:

97.

Nenhum, dos florecentes grande Imperio
Do perigo imminente, eſtà ſeguro,
Que conuertida a honra em vituperio
Ao Fado ha de ſentir acerbo, & duro:
Opprobio, com grandeza do Hemiſpherio
Tingitano, veràs no oppoſto muro,
Aſſultos de Piratas no Occeano,
Dor ſim, remedio não do Luzitano:

98.

O Peno co Olandez, gente inimiga
Dos soldados de Christo verdadeiros,
Entre si ferem pactos, formão liga
Contra os vossos no Atlante aventureiros:
Estranhas cada qual forças mendiga,
Ruina de famosos Caualeiros,
Reuocasse o temor do atroz castigo,
(Se Nineue não chora) de Rodrigo:

99.

Co sangue Luzitano enrequecida,
De tão humilde Argel, já està possante;
Vayuos deixando a patria consumida,
Em quanto se ella faz rica, abundante;
A gente, que hontẽ fraca, & pouco ouuida
Foy nos casos de Marte, militante
Oje com mais primor, com mais braueza,
Se ha de attreuer à gloria Portugueza?

100.

Domina em Amphitrite, onde seguros
Là vos não quer deixar, que a tudo infesta,
A penas defenção tendes nos muros
Da patria miseranda, inerme, & mesta;
A causa não deiteis aos Astros puros,
Que não he com vosoutros tão molesta,
Que nem o Ceo constranje, ò Luzitanos.
Vos sois, vos sois a causa destes danos.

Estais

101.

Estais promptos somente na cobiça
De dominar a terra, onde naceſtes;
Do ouro a ſacra fome vos atiça,
Com que a gloria das armas já perdeſtes:
Venal entre vos meſmos a juſtiça,
E a todo o Reyno miſero, fizeſtes,
E não quereis que tema, ò Luzos fortes,
Ruinas, perdiçõs, exicios, mortes?

102.

Não pello que denotão, me entriſteço,
Nos aſpectos, que tem as Luzes bellas,
Rectores deſte mundo, pois conheço,
Que dominão os homẽs nas Eſtrellas:
Mas por ver, que o valor, donde engrãdeço
Famas de mil louuores parallelas,
No peito Luzitano ſe entorpece,
Que já ſe extingue, abate, & ſe enfraquece:

103.

Tornay, ò geração do Luzo altiua,
Em vos, de voſſo brio eſtimulados,
A aquella valentia, & força actiua,
Com que venceſtes já tantos eſtados:
O Batauo cruel, & o que cultiua
Aos campos de Phenicea ſobjugados
Fazey, que não ſe jactem, ſe florecem,
Que de voſſas riquezas ſe enriquecem:

104.

Não espereis na terra premio Ouante,
Cuja falta das armas vos reuoca;
Em defensa da Fee, de Deos, da amante
Patria, pellejar, Luzos, vos toca:
Quem sou, & meu valor ponde diante,
Se he que a Honra da patria vos prouoca;
Poïs fostes noutro tempo os mais temidos,
Sede inda os mais vallentes, mais subidos:

105.

Olhay, que em vossos hombros corrobora
Dos Astros a influencia; a mais suprema
Monarchias das gentes, se inda agora
Tropece em mortes, infortunios tema:
Comesse Luzitania a ser señora
Do China mais remoto, à Thule extrema;
Sorte que o Ceo lhe dà certa, & bizarra,
Se da calua ocasião a fronte agarra:

106.

Os peitos Luzitanos, costumados
A vencer por trabalhos procelloſos,
Syrtes, & Acroceraunios infamados,
Hão de temer perigos duuidoſos?
Inda que estem no Ceo prognosticados
Naufragios com ruinas espantoſos,
Os varões na prudencia tão maduros,
Não vencem casos miseros futuros?

Mas

107.

Mas não quero determe.que bem creo,
O fortes Luzitanos,que he vazio
De miserando effeito,este receo,
Contra vosso valor,& heroico brio:
E se do intento fiz tão grão rodeo,
Amor da patria foy,não desuario,
Agora tende hum pouco a mente prompta
Nos sucessos fatais,que a Ninfa aponta:

108.

A conjunção presente.a grande antigua,
Outros graues Ecclypses,o Orbe Magno,
Dessa Eccentricidade,que he contigua
à do Zodiaco,o vario,& moto estranho:
A mudança dos Auges,que auerigua
O sabio ser de effeyto em fim tamanho,
(Pois que com ella o mundo se aluorota)
Que cousas sempre horrendas não denota?

109.

Que perdas não prouoca entre os mayores!
Que confusaõ não causa nos pequenos!
Que guerras não concita entre os senhores;
Que males,que ambições,& que venenos!
As mesas dos mais puros,dos melhores,
Conspurcaràõ torpissimas Celenos,
Que sò se hão de estimar grandes maldades,
Incestos,homicidios,falsidades.

Pera

110.

Pera as Tedas ſupremas (ſe Lucina,
E Cupido as atou com fẽ contraria)
Serà, ſe como em Gordio o vaticina,
A eſpada de Alexandre neceſſaria:
Bem pode (ſe do Olympo ſe illumina
Com mente a ſeu Rector jà tributaria)
Conuerter (conuertendoſe) em melhores,
Os effeitos, que digo, ſuperiores.

111.

Mas ſe o mundo eſtà cheo de imperitos,
E ſeñores profanos, como aguarda,
Que trocando aos que amou, Stygeos ritos,
Tanto, por conſeruar os Diuos, arda?
Mas como eſtes ſucceſſos nunca eſcritos
No polo achey conuexo, me acouarda
Delles a narração, que o peito cuita,
Por mais, que a razão propria a ſolecita:

112.

Criados (como exponho) nas delicias,
(que couſas do Orbe Magno!) occiduos Grãdes
De infinitas Sarcophagos diuicias,
Não jactaõ feitos maximos, nem grandes:
Inteſtinas formando inimicicias,
Deixão de eſpoliar com Marte, a Frandes,
A ſeus baxos Payzes, & aqueos muros,
Exercicios na patria mais ſeguros.

Por

113.

Por isso, & não por força de Planetas,
Temo na forte Hespanha algum portento,
Se ja não se comprio, no que os Cometas
Denotàrão feroz no regio assento:
Mas vejo (rectamente se interpretas
As causas, que prediſſe,) ao Firmamento,
Contra os mais descuidados mais irado,
E ao nosso Iberio ves mais descuidado:

114.

Nos corações belligeros, feruentes
Com guerras & batalhas sanguinosas,
Imprime o Ceo effeitos excellentes,
E o contrario nas armas dessidiosas;
Mas se a caso de Hespanha as fortes gentes
às açções se tornarem bellicosas,
Do Fado sentirão grata influencia,
Que até no Ceo domina a deligencia.

115.

Mas isto so se entende nos Magnàtes,
Sojeitos mais propinquos das Estrellas,
Inda, que pera os bellicos combates
Venus os hebetou com força dellas:
E pois, como sentio, com Policràtes,
Solon por tão verissimas sequellas,
Não pode auer no mundo algum ditoso,
Attente pera o fim o poderoso:

Trema

116.

Trema do que eſtupendo o Ceo denota,
Da culpa infixa, a Palinodia cante,
Que por ſe conuerter a alma deuota,
Nao crendo, ha de temer todo o Calcante:
Cos effeitos, que digo, ſe aluorota
O mundo, no Occidente, & no Leuante,
No tropico de Cancro, & meyo dia,
E no de Capri oppoſto, & Plaga fria.

117.

Reuoltos ha de ter, na inſigne Europa,
A Diſcordia feróz ſeus Potentados:
A triſte Libitina em muytos topa
Do ſceptro potentiſſimo priuados;
As coſtas hão de dar na ingente tropa
(ó graue dor) varões aſſinalados;
Incerta ha de vagar frequente a guerra,
Prodigios dando o Ceo, tremendo a terra.

118.

Com Marte de Neptuno o mar feruendo
(Effeyto portentoſo das Eſtrellas)
Co a roxa a propria cor irà perdendo,
Deixando as dos humanos amarellas:
Aos Fauonios alegres conuertendo
Em ſuptas, & horriſonas procellas,
(Eſpectaculo triſte, ſorte dura)
Serà dos Argonautas ſepultura.

Serà

119.

Na terra a Santa Astrèa desprezada,
Quantas calamidades lhe promete!
A grandeza melhor mal gouernada,
A que exicios crueis se não sobmete!
A Republica en fim despedaçada,
Cujo reparo a Deos jà sò compete,
Não sey se temerà nouos tributos
De nouas leis, de nouos estatutos:

120.

Denota, que hum profano Heresiarca
Com dogmas quer turbar, & altos errores,
Ao mundo, de que intenta ser Monarcha,
De muytos estipado seus factores:
Naufragios quer formar de Pedro à barca
Entre Astaroth, & falsos Belphegores,
Que porque nelle summas tenha altezas
Com vicios seus ao mundo, & cõlarguezas.

111.

Dano horrendo ameaça o sego immundo
Promulgando infernal, & dogma inorme;
Aos mais potentes Princepes do mundo
A Seita faz seguir torpe, & deforme:
Mas o que termo pós ao mor profundo
Farà, que de seus vicios se reforme
O pouo, que remio, attropellando
Tão noçiuo contrario, & tão nefando.

122.

Escolherà por rayo ao Luzitano,
Que de perfidia tal tome a vingança;
Que favor tão diuino, & soberano,
Pello zelo, que tem do Olympo, alcança:
E vós, ò gente sega, que no engano
Que Lucifer ordio, a confiança
Pondes do ethereo bem, a propria alteza
Vede, que eis de abater à Portugueza.

123.

Que se andão no Aquilão por tantas vezes
Turbando a Santa Fee, torpes Harpias,
Enchendo Gallos, Anglos, & Olandezes,
E Germanos feroces de heregias;
No pequeno poder dos Portuguezes,
(Pella Fee propagando Apologias)
O Ceo ha de mostrar, ò gente inica,
Como Roma de vos triunfante fica:

124.

Vereis de vossas armas victorioso
Ao pendão Orthodoxo, & sobjugados
De Pedro ao substituto religioso,
Esses, que vos dominão, Potentados:
O heretico veneno, & licencioso,
De que hydropicos fostes, & enganados,
Co antidoco de Christo soberano,
A força ha de perder no peito humano:

Com

125.

Com tudo no vniuerſo horrendas clades
Sinto do polo irado, vacillando
Co potente dominio as Mageſtades,
Do Fado conſtrangidas miſerando;
Mas tu, grão Luzitania, que impiedades
Não ſeguiſte do herege, ou dogma infando,
Não temas do alto Olympo a influencia,
Se he que ao juſto ſegura a innocencia:

126.

Refrea, amada patria, os triſtes vultos,
As lagrimas comprime; & não te eſpantem
Effeitos das Eſtrellas, que ſe occultos,
Por tija pode ſer que ſe leuantem;
Na meſma confuſſaõ, & nos tumultos,
Deixa, que por teu Rey victorias cantem,
Que de quanto o Sol vè, Neptuno abarca
Serà contigo vniuerſal Monarcha.

127.

Muytos pereceràõ, ſenão me engano,
Reynos do mundo, o Polo o ſignifica,
Mas o famoſo Imperio Luzitano
Liure do Ocazo, eterno ſe amplifica:
O do Gentio, Mouro, o do Othomano,
Que incenſarios a Lucifer dedica;
Sojeito ao forte Luzo, breuemente
Verás que adora a Chriſto Omnipotente:

128.

Veràs hum só Paſtor, hum sò rebanho,
Que o ſucceſſor de Pedro só proueja,
Nem na terra, nem no liquido eſtanho,
Impugnarà ninguem à Madre Igreja:
O ſer de Portugal ſerà tamanho,
Que o mundo todo sò nelle ſe veja,
Emporio do vniuerſo ſummo, & grande,
Pera que ſeu Monarcha todo o mande.

129.

Mas o tempo prefixo, proprio, & certo,
Deſte, que canto, eſtado poderoſo,
Neſte Olympo o não tenho deſcuberto,
Porque não mo demoſtra o luminoſo:
He das Eſtrellas todo o Fado incerto,
Inclinante ſomente, & não forçoſo,
Nem podem os Planetas reſulgentes.
Prognoſticar em caſos contingentes.

130.

Tem liure o aluedrio todo humano
Capaz de ſeu querer, & penſamento,
Com que pode, euitando ao proprio dano,
Nos Aſtros dominar, delles izento:
Dizer, q̃ o Ceo conſtrange he puro engano,
Que não pode forçar o entendimento,
(Pois q̃ he da alma immortal vera potẽcia)
Do Ceo, nem das Eſtrellas a influencia:

Aſſim,

131.

Assim que não entendas que o que canto
Profecia he diuina, & verdadeira,
Porque pode dispor o eterno Santo
Ao mundo, se quiser de outra maneira:
Mas pera, que com lagrimas, & pranto,
Com vera contrição, com dor inteira,
Se possa a Deos perdão da culpa impia,
Dos Astros te predice, o que entendia.

F I M.

HVIVS ANACEPHALEOSIS
PEORATIO.

(mundum
Africa, & Europa, atq; Asia ampla, & America
Componunt, atq; his omnibus æquor adest:
Per mare, per terras mũdi has, percurrere partes
Cunctas, Lysiades publica fama canit:
In super Imperium Rex Luzitanus in omnes
Protulit has partes, & sua signa tulit:
Herculeas vltrà victricia signa columnas
Intulit, & nunquam victus ab hoste fuit:
Extremus mundi gentes, Garamantas, & Indos
Subjecit; dederant vltima regna manus:
Omnis terra procul, vulgato nomine tanto
Lysiadum tremuit: nunc quoq; Turca pauet:
Nunc ruit in peius sine Throno, & laude vagãtur
Lysiades propria: heu terra dolore gemit:
At citiùs cecidit regnum hoc, quo latiùs orbem
Possessit, vel quo latiùs arma tulit:
Sic etiam tandem ceciderunt cætera mundi
Imperia, vt tangunt culmina summa cadunt;
Forsitan at regnum hoc in pristina fata redibit,
Eriget atque caput, sidera summa petens:
Seminaq; Alphonsi, quondam promissa, resurgent,
Et sua Lysiadis sydera magna dabunt.

LAVS DEO.

ANNO

AÑOTACÕES
SOBRE O PRIMEIRO Anacephaleosis da Monarchia Lusitana;

ESTANDO o anno passado de 1622. na Corte de Madrid em Iunho, adoeceo de hũas terçans o Senhor dom Baltesar de Çuniga, Presidente de Italia, & do conselho de Estado de sua Magestade: fuy eu a vesitallo por mandado da Senhora Condessa de Croy sua sogra: & como estiuesse ja sobergido & com melhoria de sua enfermidade, se recreaua na lectura de hũa Soteria, q̃ lhe auião offerecido; & como era curiosissimo me perguntou sobre ella algũs pontos, a que satisfiz: estaua alli tambem hum fidalgo Napolitano grão Chymico, & Mathematico, & como eu na enodação do que sua Excelẽcia me auia pergũtado desse algũa razão mathematica, instou sobre ella o Napolitano; defendilhe contra a comum toda a composição dos Ceos, pois lhe prouey que não erão feitos

da quinta eſſencia Ariſtotelica, ſenão elemẽtares, & corruptiueis, & que não auia orbes reais, & verdadeiros, porque as eſtrellas, & Planetas ſe mouião por ſi ſomente naquella continuidade aerea, que chamão Ceo: reproueilhe a compoſição dos elemẽtos, que Ariſt. affirma: pois moſtrey que não auia região de fogo ſob o concauo da lũa, & que auia ſomẽte hũa região do ar continua daqui ate o Ceo Empyreo: goſtou tanto ſua Excelencia de me ouuir, que me obrigou a fazerlhe de tudo hũ breue compendio em verſo latino, que logo impremi, & lhe mandey, como por ſoteria, por quanto eu de hũa colica, ficaua enfermo, & impoſſibilitado de aſſiſtir a minha obrigação: mas tanto que eſtiue liure do accidente, me fuy ao paço, donde encontrado com o Napolitano, entramos ambos a veſitar a ſua Excelencia, que virandoſſe pera o de Napoles diſſe: melhor prouou o Doctor Bocarro ſua opinião do que os Chymicos as transformações dos metais, que a mim ſempre me parecerão impoſſiueis, & neſte compendio verdadeyra a doctrina do Portugues. Com nenhũs argumentos (*diſſe eu*) ſe podem conuẽcer os Chymicos; antes julgo por prouauel ſua opinião, & digo que conforme a boa philoſophia

losophia não repugna o fazerse ouro por arte: inda que eu nunca fiz esta experiencia, mas nao sou tão contumaz, que negue a que muytos doctores graues, approuão; Reprouarey eu (*disse sua Excelencia*) a que hum Capitão pretendeo fazer em Lisboa por mandado de sua Magestade que Deos tem: ao qual manda ua dar tudo quanto pedisse: & o Marquez de Castel Rodrigo dom Christouão de Moura, sendo Vizorrey lhe deu por ordẽ de sua Magestade muytos cruzados, & nunca o bom do Capitão sayo com nada a luz. Pella impiricia (*respondi eu*) de algũs váos professores, não se ha de reprouar a verdade da sciencia; logo (*disse sua Excelencia*) imaginais que he verdadeira a Chymica? eu (*disse*) não a professo mas naturalmente digo, q̃ se pode fazer ouro arteficial, que seja perfeytissimo, & que isto não he contra a razão: nem as que trazem os contrarios saõ de efficacia algũa: quais sam (*disse sua Excelencia*) Comecey eu entonces a ir prouando o que affirmaua, desfazendo as razões que em contrario se offerecião; & concrouindo em que por virtude do Lapis, ou Pedra dos philosophos, se podião conuerter os metais em ouro, disse, que a materia deste lapis era o Enxofre, & Azougue philosophico,

que no diſcurſo auia explicado; porem, que como não era Chymico, que ignoraua o como ſe fazia, & aperfeiçoaua delles o Lapis. E proſeguindo oNapolitano, approuando quaſi tudo do que eu tinha dito: diſſe breuemente o como daquelle Enxofre, & Azougue ſe podia fazer a Pedra philoſophal, não negando que auia tambem outros muytos modos, pera ſe poder aperfeiçoar. as razões que eu diſſe, & o modo que enſinou o Napolitano proponho neſte Anacephaleoſis da oytaua 37. atte 56. por donde he neceſſario que ſobre eſtas oitauas façamos hũa breue Chryſopeya annotação.

E perguntandome o Napolitano, porque não pulera, no diſcurſo que fiz em verſo latino da verdadeira compoſição do mundo algũa coula Aſtrologica: porque (*diſſe ſua Excelencia*) parece que entende o Doctor Bocarro, que as conjunções maximas, ecclipſes, & orbes Magnos não denotão couſa algũa ſobre os ſuceſſos gerais do mundo, & mudanças dos Imperios, que he o que a elle lhe parece que me pertencia aduertir: verdade he (*reſpondi eu*) que Deos Optimo Maximo, he ſomente o Senhor dos Reynos, Imperios, & Monarchias, & que elle as dà por ſeu beneplacito

placito a quem he ſeruido: com tudo ſobre os ſuceſſos gerais do mundo ſe concede o eſpicular as couſas Celeſtes: dizeis bem (*diſſe ſua Excelencia*) & no cathalago dos liuros prohibidos, agora nouamente impreſſo, por mãdado do Cardeal de Toledo, Inquiſidor, que foy, gèral, na regra 9. ſe permite a figura Celeſte ſobre os ſuceſſos geraes do mundo, porq̃ procede de cauſas naturaes, que pella mayor parte ſuccedem, quando Deos não o diſpõe doutra maneira: Ao menos (*diſſe eu*) piamente ſe hão de conceder as que eu tenho calculado ſobre a vltima Monarchia do Mundo: q̃ ſegũdo as razões Aſtrologicas ha de ſer entre os noſſos Heſpanhões: & em Portugal denotão os Aſtros eſte benigno affecto: folgou ſua Excelencia de me ouuir, & me mandou que de tudo fizeſſe hum Epilogo pera o dar a ſua Mageſtade: & porque nos verſos fica com muyta obſcuridade eſte ponto Aſtrologico, me pareceo, que era neceſſario fazer ſobre as oytauas que delle tratão tambem algũa breue annotação Aſtrologica; pera que deſta maneira fique mais claro, o de que tratamos,

&c.

Anno-

ANNOTAÇAM
Chrysopeya.

Oytaua 37.
Da parte philosophica a mais pura.

COmeço a ir explicando a Pedra Philosophal, por virtude da qual, se podem cõuerter todos os metais em ouro: & se isto se alcançou por meditação philosophica, q̃ parte tem a philosophia natural mais excellente, que esta? & que os metais se possaõ transformar em ouro, defendem todos os Chymicos, *E Timon. lib. 3. met. 9. vult. Ant. Mirandul. de singul. cert. li.* 10. E perfeitamente *Andre Libauio Syrraxi. 2. li. 1. singul.* E o concede *S. Thomas nas sent. d. 7. q. 3. art.* 1. E esta opinião segue Pico Mirandulano *no liuro de aureo faciendo*, & outros muytos Autores.

Contraria sentença tem muytos que affirmão, que nenhum metal se pode naturalmẽte conuertèr em ouro: *Assi o quer Tostado sobre o Exodo. cap. 7. q.* 10. *Egidio Romano quod li. 3. ques. 8. Ped. Aponens. conciliador diff.* 209. *Auerros. 1. de generat.* E quasi todos os modernos: *Hinc* (diz *Kleinfeldio lib.* 1. *Pathol. cap.* 14.) *Perspicuum est, Sisyphi, quod aiunt saxum*

voluere

voluere, eos qui in metamorphoſi metallorm occupati ſunt. Eo Licéciado Torre Blanca *no ſeu liuro de Magia* reproua grandemente a arte Chymica, nega a transformação dos metaes condenádo a ſeus profeſſores: porem não trazem argumentos baſtátes por donde prouem ſer impoſſiuel, antes parece que naturalmente ſe pode moſtrar a poſſibilidade da parte affirmatiua, & ſe ha de aduertir que dizem os Chymicos que ha dous modos de conuerter os metaes em ouro, hum he por decoção, & obra que fazem nos meſmos metais, & outro he por virtude da Pedra Philoſophal, & prouando que pella decoção dos metais ſe venhão a trãſmutar em ouro ſe moſtra como diſſe a poſſibilidade da parte affirmatiua: porque nem da parte da materia ou ſubjeito, nem da parte do modo repugna eſta tal transformação à natureza: não da parte da materia, pois ella he apta pera ſe alterar, & corromper, & capaz pera receber forma mais preſtáte, qual he a do ouro: Nem impugna o fazerſe da parte do modo, pois he por decoção natural do fogo, qne quaſi imita a do calor narural: & ſe não falta nem da materia, nem do efficiente couſa algũa ſegueſſe, que he poſſiuel a tranſformação dos metais. Arguem os contrarios,

que pera que da parte da materia não ouueſſe impugnancia, auião de ſer todos os metais de hũa meſma ſpecie: o que os Chymicos confeſſaõ, dizendo, que ha ſomente hum metal perfeito, que he o ouro, & q̃ todos os demais ſaõ inchoações, & principios delle, & q̃ por iſſo ſe conuertem tão facilmẽte em ouro, cõ uem a ſaber à redução de ſua perfeita forma, aſſi como o homem enfermo ſe moue à ſaude & o ouo a forma do pintão gallinaceo: iſto dizem, he falſo, porque alem de todos os metaes ſerem differentes ſpecificamente entre ſi ſeguiriaſſe, ſe todos foſſem principios do ouro, & eſtà só ſua forma principal & perfeyta: que na produção dos outros ſempre a natureza erraria produzindo a cada inſtante monſtros, pois não conſeguia ſeu intento que era o fazer ouo, &c. deixo o que muytos reſpondem, & digo, que ſuppoſto, que não conhecemos, as differencias eſſenciais das couſas, q̃ nunca ſe pode proüar que os metais diffiram entre ſi eſſencial, ſenão accidentalmente: porem pouco importa que diffirão ou não: bem podem ſer todos inchoações, & principios pera a forma do ouro: & muytas vezes a natureza não alcançar eſta vltima perfeição, ou por que os metais ſe impedem, & lhe falta algum requ-

requesito, ou porque ante tempo se arrancão & tirão pella cobiça dos homés: & me parece que he como o nutrimento dos animais: o qual se faz primeiro do alimento no estamago, em hũa substancia aquea, & lactea, q̃ chamão chylo: & despois desta se faz o sangue no figado: & inda do sangue se fazem as humidades segundas, que diz Auicena, das quaes immediatamente se sustentão as partes: assi nos metais pera se fazer ouro se faz chumbo, estanho, prata, & despois o ouro: & com tudo não se dirà que a natureza erra, ou que cada qual destas cousas he monstruosa, supposto que imperfeyta, a respeito da mayor perfeição: assim como não dizemos, q̃ o chilo, sangue, ou humidades segundas saõ imperfeitas, inda que não tenhão alcançado a vltima perfeyção: q̃ he o conuerterense nas partes que sustentam: assim que concluo, que a materia dos metais he toda hũa, & da parte della não ha impugnancia pera que não receba a forma mais perfeyta: antes este he o instituto da natureza: o q̃ se ve nas minas, donde raras vezes se achaõ os metais puros, senão confusos, & misturados ora poucos, ora muytos: o que alem de estar confirmado com a quotidiana experiencia, concedem os doutores, & affirmão os Conimbricenses

bricenſes ſobre os Meteoras tract. 13. cap. 4. dizendo. *Inueniuntur autem prædicta metalla in venis nunc pura, & ſincera; nunc alterius ſpeciei metallis confuſa, & nunc quidem natura duo admiſcet, vt aurum, & argentum; alias tria, vt aurum, argentum, æs; alias plura, idq; vario pondere:*

Sobre o modo arguem não ſer baſtante o com que os Chymicos prometem a metallica metamorphoſis: por quanto a cauſa efficiente dos metaes he a virtude das eſtrellas, & principalmente do Sol: & à cauſa inſtrumentaria proxima he a quentura, & frialdade: porque a quentura engẽdra, ao halito ou expiração humida, & a coze: & a frialdade a ajunta, vne, & condenſa: que he o proprio deſtas calidades: & como os Chymicos na transformação dos metais não vzem do frio: nem demais que do calor igneo comburente, ſegueſſe que nunca poderão conſeguir ſeu effeyto.

Ao que reſpondo, deixãdo o tratar da cauſa effeciente dos metais, para outro lugar, que hũa couſa he produzirſe o ouro, verbi gratia, de ſeus primeiros principios, & elementos, conuem a ſaber do liquor da agua, ou exhalação humectante, (que algũs chamão, vnctuoſo aqueo incorporado, ou humido liquido) &

da

da porção da terra craſſa, & viſcoſa: porque entonces não ſe poderà produzir nas entranhas da terra ſomente por o calor, porq̃ tambem ſe requere frialdade, & ſecura: poré deſpois que o metal ſe vnio em ſubſtácia de metal: bem pode o fogo ſomente nella ſupprir, & aperfeiçoar tudo o que for neceſſario para ſe tranſmutar nas calidades de outro metal: porque aquellas calidades ſaõ accidentarias, & que não excedem à efficacia do fogo: o que prouaremos com exemplos na oit. 42. ſeguinte. Mas pera ſe fazer ouro por virtude da Pedra não tem lugar eſte argumento: porque a Pedra he como ſemente & garfo como digo abaxo & faz por excellencia conuerter os metais em ouro porque os reduz com ſua virtude de potencia a acto.

Que com Phebe augmentaua o Delio louro. Conuem a ſaber a Lũa, & o Sol, porq̃ ao Lapis chamão deſpois de perfeito, Sol, que he quando tem a cor de robi: & antes diſto quando a tem branca lhe chamão Lũa.

Claramente ſo vio &c. O tranſmutar os metais por virtude do lapis, he differente do que o vulgo dos Philoſophos imagina: porq̃ como o lapis não ſeja outra couſa mais, que a ſemente do ouro, como explicão com Ferne-

lio os Chymicos famoſos, tranſmuta aos me-
tais cõ náo teré virtude vegetatiua, aſſi como
hũ garfo q̃ ſe éxere em hũa aruore differéte a
qual deſpois ſe traſmuta na ſpecie do meſmo
garfo, ou enxerto; & eſta tranſmutação ſe faz
nos metaes por virtude do garſo, enxerto, ou
ſemente do ouro, que he a Pedra num inſtan
te; porque como náo tenhão virtude vegeta-
tiua, ſe corrompem ab externo num inſtante:
Digo que he ſemente da prata, & ouro, por
quanto do lapis, antes que tenha a cor de Ro-
bi, que he quando ſe embranquece, ſe produz
prata, como logo diremos: o modo de fazer
eſte lapis, he tão obſcuro pello que delle ſe
eſcreueo, que entendo, que não quizeram na
eſcritura os autores explicallo, & ſe conſerua
o ſegredo perfeytamente in voce, em voz,
ſegredo & puridade.

Oytaua. 38.

A Tremegiſtro.

Por donde com Geber todos nauegão. A Chry-
ſopeya, que ſomente dús pequenos pós de ou
ro, o multiplica, ou daquillo que não he ouro
o produz verdadeiramente, jactão ſeus pro-
feſſores ſer antiquiſſima, & nobre ſciencia
Hermes Tremegiſto *lib.* 1. *cap.* 3. parece que
trouxe

trouxe o modo, ou principio deſta marauilhoſa pedra: o verdadeiro Geber ou Gebio Arabico, não foy inuentor da arte, mas foy, o que melhor, & primeiro, a cultiuou & ornou.

Com equiuocos enredos. Hũa das razões com que os aduerſarios querem roprouar aos Chymicos, he com a incerteza de ſua arte, & com a diſcenſoẽs de ſeus profeſſores, ſobre a materia do lapis, & modo de obrar: porq̃ hũs lhe chamão agoa viua, ou da vida, ou lenho da vida, ſangue humano, leite virginal: outros Mercurio dos Philoſophos, Dragam, Coruo, Elexir, medecina de todas as enfermidades, aquillo de que ſe bebe, & não morre; & com outros nomes ſemelhãtes: hũs dizem que a materia he ſal, pedra vme, atinqual, outros enxofre, & azougue, & nenhum cõuem no modo de obrar, como ſe pode ver entre *Bracheſcho, & Tauladono, Treuiſano, & Villanoua:* ao que ſe reſponde, que com todos eſtes nomes quiſerão ſomente os Chymicos ſignificar huã sò couſa; porem que vſarão deſtas inuenções por occultarem a ſciencia, aſſi como os poetas por fabulas, os philoſophos por metaphoras occultará os principios da Philoſophia como Platão fez muytas vezes, & principalmente tratando da eſſencia da alma; poſis

tambem a S. Eſcriptura falla por Parabolas. Concluyem com tudo os peritos deſta arte, q̃ a verdadeira materia do lapis he o Azougue, & Enxofre philoſophico, que iremos explicando.

Oytaua 39.

Iulgaua ſer a Phenix. Admiranda, & quaſi increiuel, he a hiſtoria, que os authores cõtão da Aue Pheniz, & o diz *Plinio lib.* 10. *cap.* 2. concruem, que não ha mais que hũa ſoo no mundo, & que he mais fermoſa que o pauão, do tamanho da Aguia, no peſcoço reſplandecente, como ouro: & no demais purpurea, tendo alguãs penas entreſachadas no cabo azuis, & que tem na cabeça hum morrião de penachos muy gallante: dizem mais huns que viue 500. annos, outros 540. & outros 660. & conuem todos em que a noua Pheniz ſe produz da morta, de maneira q̃ renaça de ſi meſmo: huns dizem que quando quer morrer ſe fere com o pico as entranhas, & que daquelle ſangue nace hum bicho, como o daſeda, do qual renace ao deſpois a noua Pheniz: & outros dizem que ſe corrõpe a carne da Pheniz morta, & que della ſe forma outra vez a noua Aue: porem os mais dos Doctores ſeguẽ

. a Lactan-

a Lactantio, que diz, que costuma a Pheniz na altura de algũa Palmeyra tazer hum ninho de cousas odoriferas, como saõ canella nardo, cinamomo, & myrrha: & pondosse encima fere com as azas fogo aos rayos do Sol & que assi se queima naquelles cheyros suauissimos: & que despois da sua cinza renacia a noua Pheniz; supposto que está muy recebido entre os authores esta historia da Pheniz por verdadeira com tudo eu entendo, que debaixo de ste fingimento, ou enigma quizerão os sabios antigos explicar a dignidade da Pedra Philosophal; & que da sua cinza se produzia outra, & outra Pedra, como os Chymicos ensinão.

E ser o Ramo de ouro. Virgilio conheceo a pedra Phil. & o deu a entender, no que diz no sexto dos Eneados, que auia hũa aruore, q̃ produzia ramos de ouro, dom, com que Eneas descendo aos infernos auia de contẽtar a Proserpina molher de Plutão, diz estas palabras.

Latet arbore opaca
Aureus, & foliis, & lento vimine ramus.

E diz abaixo q̃ colhido hum renace logo outro:

Primo auulso non deficit alter,
Aureus, & simili frondescit virga metallo:

ANNOTAC, AM.

A esta Pedra chama Aristoteles,& Hyppocrates ouro diuino, por seus marauilhosos effeytos: & não he de espantar, que seja semente do ouro, pois a pode auer na natureza das cousas, inda que os metais não tem potencia intrinseca de sua sustẽtação, & saõ cousas inanimadas;porque eu confesso que não tem virtude vegetatiua,& sò se nutrẽ por apposiçã da materia (como dizem os Philosophos:) sem embargo,que Aristoteles diz no liuro das miraués Auscultações,que nos campos Philippicos de Macedonia se acharão metaes,que partidos em pequeninos crescião, & produziam manifestamonte ouro: o que eu julgo que se ha de entender da Pedra Philosophal:que naquellas partes tinhão algũs Philosophos: que doutra maneira he impossiuel nacer o ouro: como o he o que Rueo diz *no liuro de gemmis 1.cap.1.fol.203.* que auia dous diamantes,que produzião de si outros diamantes: *Mihi enarratum* (diz) *a Domina quadam fidedigna quod Domina Heuerensis & Luxemburgorus illustri genere oriunda,duos hàbeat,seruetq; hereditarios Adamantes, quo alios crebro tanto naturæ miraculo producant, vt eos quicumq; statis temporibus intueantur, congenerem sibi prolem enitì, palam iudicent*: Saluo a Pedra Phil. tem tambem

bem virtude de produzir diamantes, & pedras preciosas, como dizem muitos chymicos.

Oytaua 40.

No Mercurio que foy. Mercurio, Lytargirium, Argentum viuũ, & Azougue, saõ sinonomos q̃ todos significão huá mesma cousa cõuẽ a saber o Azougue: os Chymicos pera fazerẽ a Pedra, desfazem o ouro naquillo de que foy composto, conuem a saber em seus elementos, ou materia, & despois na reducão, que fazem desta materia, & elementos, por virtude do philosophico fogo, se alcãça a essencia da Pedra: sobre o que se offerecem alguãs difficuldades: a primeira he sobre a materia dos metais: & logo se se podem resoluer em sua materia, conuem a saber naquella de q̃ se compõe immediatamente. Sobre a materia dos metais, conuem a saber aquella de que immediatamente se produzem ay varias opiniões: Alberto Magno *lib. de mineralibus* diz que he hum humor pingue, & oleoso, o q̃ se proua, porque derretendosse os metais no fogo, se conuertem num humor fluydo, & pingue, como daquillo de que immediatamente se gerarão. Gregorio Agricola *lib. de ortu, & causis*

ſub terran, diz que he a agoa mixturada com a terra: os Chymicos dizem que he o Enxofre & Azougue: porque vſaõ delle para a compoſição da Pedra ; & no Enxofre, & Azougue dizem ſe reſolue immediatamente o ouro: Tudo iſto reprouarão os Perypateticos, concruyndo com Ariſtoteles, que a cauſa immediata dos metais, he o halito humido metido nas entranhas da terra, & congelado là pello frio, & ſecura, da terra, & pedras; & aſſi o affirmão os Conimb. *Sobre os Metheo. tra.* 13. *c.* 1.

Com tudo eſta queſtão mais parece ſobre o nome, que ſobre a couſa, que os Authores quaſi todos concordão ſobre a materia dos metais errão com tudo algũs expoſitores, que querẽ que a materia immediata ſeja outra da q̃ dão os Chymicos, o que nace, de os não entenderem.

Para o que ſe ha de ſaber que ha huã materia remota, & outra proxima, & outra mais proxima, & outra immediata: a materia remota, & vniuerſal de todos os metais he aquelle halito ou exhalação humectante duã parte, & da outra a porçaõ da terra craſſa, & viſcoſa: & eſta he a ſentença, de quaſi todos os Philoſophos: *De Platão no Timeo, & de Proelo, & Calchidio neſte lugar: de Ariſt. no fim do* 3. *dos me-*

meteor. de Lacinio Minorita. lib. 1. *Chemica arte. c.* 13. & de outros muitos: mas de eſta materia remota não ſe fazẽ os metais immediatamẽte ſenão depois de ſubir varias alteraçõẽs: porque primeiro ſe gera o imperfeito, & depois vay obrando a natureza atte chegar ao perfeyto: & aſſi daquella materia remota ſe gera o Enxofre, & Azougue: & deſtes ſe compõe deſpois os metais.

Sobre a reſolução digo, que reſoluem os Chymicos ao ouro neſtes principios, conuem a ſaber no Enxofre, & Azougue, de que foy compoſto: mas não ſe ha de entender, que ſe torna o ouro ao Azougue, & Enxofre comum que vemos ordinariamente: porque naõ ſe cõuerte ſenão naquella humidade pingue, & excellente, na qual virtualmente ſe contem as faculdades do Azougue, & Enxofre: o que na reſoluçaõ prouaõ os Chymicos no meſmo cheyro, & goſto: & aſſim moſtra aquelle humido, que nelle eſteue ja o Azougue, & Enxofre, da maneyra que muytas eruas deſtilladas ſe conhecem no liquor deſtillado quaiſ forão pello cheyro, & goſto: & naõ he neceſſario que as couſas ſe reſoluão formalmente, & perfeytamẽte naquella materia de que immediatamente ſe gerarão pois nem o corpo

ſe reſolue na propria inmediataméte, & baſta q̃ ſe reſoluão na materia remota, primeira & elemẽtar, como os Chimicos affirmaõ na ſua reſoluçaõ do ouro.

Oytaua 41.

Ir eſpecies diuerſas tranſmutando. De prepoſito quis por eſpecies diuerſas, para explicar o texto dos Canones *cap. Epiſcop.* 26. *q.* 5. que parece que faz conrra os Chymicos, & ſua arte: ſobre a qual ſe ha de notar, q̃ os Chymicos dizem, que os metais ſaõ todos de huã meſma eſpecie, como ja diſſe, & eſta he a mais prouauel opiniaõ na Philoſophia: & aſſim impropriamente diſſe que podia a Pedra ir tráſformando diuerſas eſpecies, conuem a ſaber as dos metais: pois aquillo naõ he verdadeyra mudança de hũa eſpecie em outra, ſenão ſomente reduzir aquillo que eſtaua imperfeyto a ſua perfeiçaõ: mas concedamos que os metais ſaõ de differente ſpecie, nem por iſſo impugna o poderſe hum tranſmutar naturalmẽte na ſpecie mais perfeita, que he o que digo neſta oytaua: & nẽ tão pouco ſe entẽde neſte caſo *aquelle texto Canonico cit.* pois ſomente condena aquelles, que crem, q̃ pode auer tráſmuta-

mutação de peſſoas em varias ſpecies de feras; & dà logo a razão dizendo: *Siquidem Satanas transformat ſe in varias ſpecies ferarum*: quanto mais q̃ reſpondem os Chymicos, q̃ eſta tranſformação de metais não ſe faz por virtude diabolica, ſenão naturalmente.

Oytaua 42.

Fazer de cinza vidro, & cal de Pedra. Claramente ſe proua que ſe pode naturalmente trãſmutar hum metal noutro ainda, q̃ diffirão todos ſpecificamẽte; pois de cinza fazemos por arte vidro, & a cinza differe eſpecificamente do vidro: & o meſmo ſe pode dizer da cal feita por arte de pedra: aſſi tambem o Ouropimẽte. 1. Sãdaraca ſe faz por arte, *como diz Gal. 9. de ſimpl. medic. & Fabin. lib. 34. in fine. virt. 7.* E ha o Orichalco arteficial. *E diz Plinio lib. 33. cap. 4.* que das pedras com ſomente por virtude do fogo, ſe pode fazer metal & gerar ferro & o approuão os Chymicos cõ a experiencia como ſe pode ver em *Vannocio lib. 26 Pyrotechia. cap. 27.* E todos eſtes metais arteficiais ſe produzẽ por ſomẽte a virtude do fogo: muito melhor ſe podẽ produzir por virtude da Pedra; q̃ he oſegredo, & maraujlha da natureza.

Oytaua 43.

Pedra

ANNOTAC, AM.

Pedra sò por Metaphora. Vãose explicando algũas circunstancias da Pedra Philosophal.

Oytaua 44.

Espirito sutil, & corpo vnido. Os dous fundamentos da Pedra saõ o Enxefre, & Azougue philosophico ao Enxofre chamão spirito ao Azougue corpo: & ambos estão vnidos nũa mesma materia, &c.

Oytaua 45.

Chamado he hum dos sabios Masculino. Auicena na epistola a Hazon, Raymundo Lullo, & os Chymicos com Lacinio Minorita *lib.* 1. dizem que o Enxofre na produçaõ da Pedra, tem as forças de macho, & que o Azougue tem as vezes da femea: inda que verdadeiramente ambas estas cousas tem actiuidade, & obram entre si.

Oytaua 46.

E pello Enxofre via Todo o composto, & c. Aquella exhalação humida pingue, & excellẽte, em que se resolueo o ouro: na qual se contem virtualmẽte o Enxofre, & Azougue Philosophico, & todos os 4. elementos.

Oytaua 47.

Ar proprio se dezia. Não explicão os authores por escrituras, claramente a essencia da Pedra philosophal, o que dizem he que nella se contem

contem os 4. elementos, & outra quinta essencia, como se imagina a das strellas, e Planetas.

Oytaua 48.

Se sabes conuerter cõ subtileza. O reduzir o ouro a aquelle principio de q̃ he naturalmẽte cõposto, comuẽ a saber ao seu Azougue elemẽto ou chaos, he profissaõ dos Chymicos, q̃ por ser cousa de alta contemplação, não declararam ao vulgo, ne mundus deuastaretur.

Oytaua 49.

Na pintura, que digo se ensinaua. Expunha desta sorte o Napolitano, o como do Azougue philosophico se ha de fazer a Pedra.

Oytaua 51.

Em pòs desfeita. Parece que no *l.* 4. *de Esdras ca.* 8. *ver.* 2. se diz tambem, que ha pòz de q̃ se faz ouro: Por ventura he isto a Pedra? *Quomodo* (diz) *autẽ interrogabis terram, & dicet tibi, quoniã dabit tibi terrã multam magis, vnde fiat, fictile, paruum autus puluerem vnne aurum fit.* Da efficacia desta Pedra philosophica diz Aurelio Augurello no seu liuro de Chrysopea, q̃ fez em verso latino, que deitada hũa parte em hum mar de azougue, o podia conuerter em ouro: diz assim.

Ipsius vt tenui proiecta parte per vndas
Æquoris, argentum siuinum tunc foret æquor

Omne vel immẽſum verti mare poſſet in aurũ. O meſmo diz Pico Mirandulano no ſeu l. de auro conficiendo. E el Rey dõ Afonſo o ſabio de Caſtella nas ſuas trouas ſobre a feytura da Pedra, & o cõfirma Raymũdo Lullo; do qual referé graues authores, q̃ em Inglaterra fizera ouro perfeitiſſimo ; & delle ſe acunhara dinheiro chamado o *Nobole Raimundi.*

Oytaua 56.

Com artes ja vedadas de profanas. A Arte Chymica, q̃ por fundamentos naturais ſe per fas em ſi he boa, & louuauel, como todas as outras ſciencias eſpeculatiuas, & por iſſo he concedida no direito comum dos Romanos. *Como ſe vẽ de Io. Anar. in addit ad ſpecul. tit. de crim falſ. Oldrad. conſ. 74. de ſortol. Abb. in c ex tuarum de ſortil. & Baldo aqui meſmo q. 1 lect. 4. Fabian. tract. de emp. & vend. q. 5.* E outros muytos.

Iſto he o que pude alcançar nos doutores q̃ vi ſobre eſta materia: a experiencia della deixo pera que ſeus profeſſores a exercitem, por que a noſſa medica faculdade, não nos dà lugar, pera que nos diuertamos a outras artes:

Tudo ſobmeto ao Iuizo, & correção da S. Madre Igreja, &c.

FIM DA CHRYSOPEA.

Anno

ANNOTAÇAM
Astrologica.

Oytaua 63.

Aos Astros entregou, &c.

DEzia Deoses, pelos Deoses se entendẽ as Estrellas, & Planetas conforme o stilo dos Poetas, do qual vsou tambem Platão no Ptimeo, dizendo. *Dij Deorum, quorus opifex ego, & Pater sum.* &c. Querendo tratar do estado das Monarchias conforme as causas, & influxos celestes, presuponho, que Deos Opt. Max. sendo a primeira causa, immouel, & increada, cõstituyo por causas segundas do vniuerso as Estrellas, & Planetas, pera que com ellas se gouernasse este mũdo inferior. Sobre o qual se ha de aduertir que Deos como causa primeira per si immediatamente obra em toda a ação de qualquer creatura: & este influxo diuino simplismente he necessario, pera q̃ se effectûe qualquer obra no vniuerso: pois he o concurso com que Deos assiste a todas as cousas, sem o qual nem o fogo pudera queymar, nem as causas segundas fazer algũ effeyto. E que Deos influya per si immediataméte em toda a creatura he verdade catholica, & infaliuel: & o approuão comúmente os Theologos

logos, como se ve de *S. Thom. p. 1. q. 105. art. 5. & na. 1. 2. q. 109. & 3. contragentes. cap. 70. Cayetano & Ferraciense neste lugar.* Assi que não se ha de duuidar nisto: & se ha de seguir esta sentença infaliuelmente, *como diz Boauentura dist 37. art. 1. q. 1.*

Segundariamente se ha de aduertir, que as Estrellas, & Planetas saõ causas vniuersais, cõ que se gouernão as cousas sublunares. Porem não querẽ os Philosophos, deixar passar isto sem controuersia defendem algũs, que as estrellas não obrauão, nem influião cousa algũa em este mundo inferior, & esta foy opiniam de muytos philosophos antigos, & parece, q̃ a seguio Origenes, quando nos tomos sobre o Genesis, *como refere Eusebio lib. 6. de præp. euãg. cap. 9.* Sobre aquillo, *& erunt insigna. &c.* disse que as Estrellas, & Planetas não lão causas deste mundo inferior, senão somente sinais assi o defende Plutino *no lib. vtrum stellæ aliquid agant. & cap. 6. de fato.* Cuja sentença cõfirma. *Iul. Sireno lib. 9. de fato. cap. 35.*

Mas a opinião cõtraria affirmatiua he mais seguida & verdadeira, como eu mais largamente prouo nos meus cometarios da verdadeira composição do mundo: *Sec. 3. cap. 3. art. 2.* & a seguẽ todos os Philosophos, & os mais

dos

dos Theologos conteſſando q̃ Deos gouerna eſte corpos inferiores pellos ſuperiores, como por cauſas ſegundas conforme aquelle diſtichon.

Nos elemẽta mouẽt, elemẽta regũtur ab Aſtris,
Aſtra Deo parent, vltima cauſa Deus.

E aſſi como he de mayor mageſtade, grandeza, & poder, q̃ hum Monarca gouerne ſeus Reynos por ſeus miniſtros cõ ſomente a ordẽ que hũaves lhe deu, do q̃ ſe elle andara cõ ſua peſſoa real executãdo as couſas: da meſma ſorte he de mayor grandeza, & Mageſtade em Deos gouernar o mundo pellas eſtrellas, cauſas ſegũdas, & vniuerſais dos effeitos naturais com a ordẽ, & virtude, com q̃ as conſtituyo, pois não faltão hum ponto de ſeus mouimentos, guardando a ordẽ primeira, obedecendo, como inſtrumentos ſeus à vontade de Deos, q̃ concorre cõ elles, como cauſa primeira em todas as açõeſ. E eſta he a prouidencia diuina, q̃ Deos gouerne o inferior pello ſuperior, como o confeſſa *S. Dioniſio lib. de cœleſti Hierarchia. & o proua S. Thomas li. 9. contra gentes. cap. 83.* E a eſta ordem, ſerie, & dependencia das cauſas ſuperiores cõ as inferiores, para diſpor, & produzir os effeitos naturais he o que S. Agoſtinho & S. Thomas concede ſe chame Fado

& Fortuna, não forçoso, ou ineuitauel, senam rendido à vontade de Deos, & ao liure aluedrio do homẽ. E como todas as cauſas ſegundas eſtejão ſubordenadas a Primeira, eſſencialmente, de maneira q̃ ſomente operão em quãto a primeira cauſa. ſ. Deos lhe dà o vigor, & eſſencia com o concurſo diuino, com q̃ aſſiſte a todas as couſas, imaginarão muitos doctorés q̃ auia tambem eſta meſma ſubordenação, & independencia de cauſas entre as ſuperiores, & inferiores: conuem a ſaber q̃ as cauſas ſublunares inferiores eſtauão ſubordinadas aos corpos celeſtes. P. Eſtrellas, & Planetas, como cauſas ſuperiores, & que obrauão ſomẽte em quanto dellas dependião: donde ſuppoſto eſte principio, concruyão, q̃ ceſſando o mouimento do Ceo, ſubitamente auião logo de ceſſar todas as ações dos agentes naturais inferiores, & q̃ todos os viuentes auião de expirar neſſe inſtante, por não poderem viuer ſem aquelle mouimento. Eſta opinião *dizem os Conimb. 2. de cœl. c. 3. q. 4. art. 2.* q̃ teue S. Th. & manifeſtamẽte a defẽde Iauell. 12. *Metaph. q.* 13. & Soto Porẽ mais verdadeira he a ſentẽça contraria, a qual ſeguẽ Scoto. *in. 2. d.* 14. *q.* 3. *in fine.* Rich. & Durando neſte lugar: conuem a ſaber, q̃ nenhũa cauſa ſegunda, q̃ tenha em razão de cauſa

sa proxima sufficiente virtude pera produzir algũa ação,ou effeito) pende per si,& intrinsi camente de algũ agente criado,senão somente da causa Prima,agente vniuersal :& cõforme a isto, os effeitos dos agentes naturais inferiores não dependẽ por si essencialmente no ser,do Ceo,ou corpos Celestes, como largamente proua o Padre Soares na metaph. *disp.* 22.*sect.*5.*num.*10. *cum seqq*. & esta sentẽça he de S.Tho.por mais q̃ digão os Conimb.& desta maneira ofogo gera fogo de materia dispo sta,em qualquer aspecto,ou disposiçã dos Astros,por ser causa natural sufficiente pera produzir aquelle effeito, *cæteris paribus:* & desta maneira o olhar fara seu acto,conuem a saber da vista,em qualquer aspecto,com tanto: q̃ se conserue a mesma disposição dos orgãos , & as demais cousas sejão iguais : & assim diz S. Thom. *opusc.* 10.*art*.8. que se o corpo do homẽ viuo se conseruar com a mesma disposiçã dos membros,cessante o mouimẽto do Ceo, q̃ pode o homẽ da mesma sorte mouer a mão & alingua,*& na q*.5.*de pot.art*.10.*ad* 8.diz.no mesmo caso que duraria o mouimẽto do coração.no homẽ:donde claro se collige,q̃seguio S.Thomas esta vltima sentẽta q̃ approuamos.

Mas como muitos dos agẽtes inferiores naturais

turais sejão imperfeitos em sua ordẽ, & insufficientes pera produzirem seu effeito, por esta razão, tẽ necessidade, de auxilio de outra causa creada, que supra, & encha a virtude dos tais agentes: & desta maneira tem necessidade do influxo Celeste os corpos inferiores pera muitas ações suas, principalmẽte para as gerações dos mixtos, & viuentes: & por isto disse Arist. que o Sol & o homẽ geráuão tudo, porq̃ não se ha de negar q̃ as causas inferiores tem depẽdencia das superiores, mas hase de entender neste sentido, q̃ he como parçial concurso, & auxilio, a suprir: o que não pode a causa natural inferior, o que claramente se proua nas cousas vegetãtes, donde dize Henrrique *quod l.* 11. *q* 15. *& quodl.* 14. *q.* 1. que era necessaria a virtude Celeste influida nas sementes, cõ a qual se determinẽ a suas varias ações, porque como a semente na organização do corpo tenha tão varia, & tão multiplice ação, parece q̃ lhe nã basta pera isso sua virtude particular, & intrinseca, & por isso he necessaria a virtude celeste, q̃ supra oq̃ não pode o outro agẽte.

E desta maneira dizemos q̃ estas causas naturais inferiores estão subordinadas, & dependẽ das celestes, não porque as virtudes ou effeitos dos corpos inferiores por si, & intrinse-

camen-

camente tenhaõ a dependencia essencial dos corpos celestes, mas porq̃ conforme a ordẽ do vniuerso se constituirão desta sorte, que se ajudẽ, & fauoreçaõ, & disponhão em suas virtudes, & açõẽs dos corpos Celestes, sẽ os quais não poderiáo conseguir seu effeito.

Daquelles sete errantes o supremo. Saturno que se ajuntou corporalmente com Iuppiter, no signo de Leã casa do Sol. Celebrouse esta conjunção destes Planetas o anno passado de 1623 quarta feira 19. de Iulho, às sinco horas & 26. minutos da menhãa, conforme ao Mediano desta Cidade de Lisboa: & se ajuntarão estes Planetas corporalmente em 6. graos 4 minut. de Leão: achandose em Aries a Lua na 10. casa q̃ he a de Reis, & Reynos: & o Sol no ascendente em Cancro casa da Lũa: q̃ he senhora da figura, & o he o Sol do lugar da conjunção. Marte está retrogado em Capric. na 7. Saturn. padece muito por estar em signo cõtrario. He esta conjũção menor porquanto a precedente que se fez no anno de 603. em Sag. foy a Max. & Sagit. he da mesma treplicidade de fogo que Leão.

Oytaua 64.

Da conjunção passada, &c. Celebrouse no anno de 1603. aos 31. de Dezembro a conjun-

ção maxima deſtes dous Planetas ſuperiores Saturno, & Iupiter em 10.gr.26.min.de Sag. ſigno q̃ domina em Caſtella: & ſe fez na 10. caſa, q̃ he a de Reis, & Reinos eſtando preciſamẽte em rigor geometrico perpendicular a Lisboa, por donde lhe denota exaltação como digo adiãte fol.48 & alli na reg.2. ha de dizer (*na conj. Max.*) & ná (*proxima*) vejaſſe o q̃ da Max eſcreueo o I. Andres Gõçaluez.

Neſta potencia. Sinco couſas extrinſecas ſaõ as q̃ trazẽ os Aſtrologos ſobre a mudança dos Imperios (chamolhe extrinſecas, porq̃ ſoo da vontade diuina, & liberdade humana dependẽ intrinſecamente, & por ſi eſtas mudanças) A primeira he as conjunçõis dos Planetas ſuperiores Saturno, & Iupiter 2. as mudãças dos Auges dos Planetas. & principalmẽte do Sol 3. a mudança da Excentrecidade do Sol 4. a da obliquidade do Zodiaco 5. o orbe magno, P. ſeu comprimento, & mudãça de ſuas quartas: de todas tratamos breuemẽte começando da conjunção de Saturno & Iupiter. Eſta *doutrina de Cardano* 1. *Aph.* 64. he de tres maneiras: Menor, Magna, & Maxima: a Menor ſe faz nos ſignos q̃ ſaõ da meſma triplicidade dos da conjunção precedente, aſſi como a conjũção preſente de 1623. ſe fez em Leam ſigno da tre-

treplicidade do fogo, & por quáto, a cõjunção precedente no anno de 1603. fe fez em Sagitario que he ſigno da meſma treplicidade: eſta de Leão ſe chama conjunção menor: na qual não coſtuma auer influencias q̃ inclinem os animos dos homẽs a grãdes mudãças: mas iſto ſe entẽde nas outras ſeguintes cõjunções menores, & não naq̃lla q̃ ſegue logo à maxima: porq̃ os effeitos das cõj. Max. ſucede nas menores ſeguintes, *conforme a ſentẽça 65. do centilaq. de Ptholomeo*, q̃ expõe Iuuiano Põtano, q̃ as couſas da conj. Max. ſaẽ nas menores como em filhos, & netos, & aſſim neſta ſayrão os da Max. de 603. As conjunções magnas, ou meas ſe fazem nos ſignos de diuerſa treplicidade, mas não contrarias em ambas calidades, aſſim como quãdo dum ſigno de terra ſe paſſa a hũ de agoa, & de hum de agoa, a hum de ar, & de hũ aereo, em hum de fogo, neſtas ſucedẽ grandes mudanças de terras Reynos, & Imperios, pelo modo acima declarado.

As conjunções Maximas ſe fazem em ſigno de fogo, paſſando do de agoa ao de fogo, q̃ he ſigno de treplicidade contraria em ambas calidades: & eſtas cauſaõ na forma declarada as mayores mudanças do mundo, cõforme a calculaçaõ Aſtrologica que moſtra, que todas as

grandes mudanças, que nelle moue, foraõ neſtas conjunçõ̃es:

Sobre o quando ſe fazem eſtas conj.ay grã de erro nos modernos, q̃ ſeguem a Leopoldo *tract.4.& 5.de ſeu introductorio, & Alcabitio no principio da diff.4.de ſua Iſagoge*, que dizem q̃ as menores ſe fazem em 20.annos, as Magnas em 240.& as Max.em 960.ſendo aſſi que ſupputtado o mouimento do que no diurno excede Iupp.a Satur.& diuidido num circulo inteiro ſexagenario.ſe ve q̃ as menores ſe fazẽ em ſpaço de 19. annos 318. dias 12. horas 59.min.23.ſeg.& que hũa conjunção magna ſe faz em ſpaço de 10.menores, q̃ he em 198. annos 265.dias 9.hor.53.min 52.ſeg.& qne a Max.em ſpaço de 4.magnas,he em 794.annos 331.dias 15.hor.35.mi.28.ſeg.

Oytaua 65.

Tambem nelles affirmão que domina. A outra cauſa q̃ daõ os Aſtrolog. das mudanças dos Imperios per meyo de influencias q̃ a ellas inclinaõ, he a mudança da Ecentricidade do Sol,nã eximindo daqui a dos outros dous Planetas inferiores,& tres ſuperiores, porẽ todas dependẽ da do Sol. Declaraſſe eſta mudança (de doctrina de Corpernico *lib.3.reuol.c.20*) por hũ mouimento de hum pequeno circulo que

q̃ leue em ſua circunferencia, o centro do Ecẽ trico; acabando hũa reuoluçaõ em 3434. anos o diametro deſte circulo ſe conſtituye de 34. partes, 14. min. das quais partes o Semediametro do Ecentrico tem 60. & porq̃ a menor Ecentrecidade, (qual ſe preſupõe, q̃ ha de ſer a no anno do Senhor de 1653. no mes de Mayo,) he de 1. parte 55. min. 53. ſegun. ſeria a mayor (aquella q̃ foy 63. annos antes do Nacimento de noſſo Senhor Ieſu Chriſto, quaſi no principio da Monarchia dos Romanos) de 2. partes 30. minut. 7. ſegundos.

Que a Roda da Fortuna ſer declaro. A eſte pequeno circulo (que diſſemos, no qual ſe declara a doctrina da mudãça da Ecentricidade do Sol) chamou Ioachino Rhetico, *enarr. primeira ſobre as Hypoteſes de Copornico.* A Roda da Fortuna, porq̃ com ſua reuoluçaõ começaõ as Monarchias do mundo, pelo modo acima dito & com ſuas mudanças, pellas quartas, ou quadrãtes deſte circulo: porq̃ ſe conſiderão nelle quatro pontos principais: por donde ſe diuidẽ 4. partes: o ponto mais alto q̃ he o Apogeò, (he o q̃ leuou em ſi a mayor Ecẽtricidade no anno de 63. antes do nacimento de Chriſto) & o ponto mais baxo, que he o oppoſto, & ſe chama Perigeo (leuou em ſi a menor Ecentri

cidade: nod. anno, & os dous pontos que ficão no meyo, q̃ chamão os das meyas longitudines: dizem pois os Astrologos q̃ começão as Monarchias nalgũ ponto destes 4. & duraõ todo aquelle quadrante, ou exaltandosse ou diminuindosse, de maneira q̃ aquella q̃ começa no principio de hũ destes quadrãtes, se aleuãta cõ o tal quadrãte, & se arruyna no quadrãte segu. Cada hũ destes quadrãtes dura 858. anos &meo, porq̃ repartidos 3434. anos. (q̃ he o periodo todo deste circulo) em 4. partes, vẽ a cada hũa os ditos 858. annos, & meo: começou o mouimẽto deste circulo da mayor Ecẽtricida de 63. anos antes do naciméto de Christo, quã do teue sua exaltação o Imperio dos Rom. & despois pouco a pouco se foy diminuindo ao passo q̃ se diminuya a Ecentricidade No segũ do quadrante q̃ foy 795. annos despois do naciméto de Christo se exaltou a Monarchia dos Maumetanos subindo cõ aquella velocidade q̃ a Ecentrecidade se diminuia: em este 3. quadrãte (cujo põto se aleuãtara no ano de 1653) auera taes influencias destes corpos celestes q̃ inclinem a de todo se entinguir a Monarchia Octomana, & agora tem sua declinação por ser o ponto da menor Ecẽtrecidade & acabar o quadrãte do Imperio Maumetano: & neste

qua-

quadrante 3 que agora começará per inclina ção de influencias se pode conjecturar que se ha de leuãtar a vltima & mais poderosa Monarchia, q̃ prouarei ser a Luzitana. O q̃ tenho dito da doctrina deste pequeno circulo: he o q̃ os Astrologos trazẽ nesse particular: & não ha nisto entre elles controuersia, & os segue Iuntino no *coment. do 4. cap. da Sphera de Sacro Bosco*, tratando da Ecentricidade do Sol, *tom. 1 fol. 864.* dizendo. *Hic circulus equidem verissime rota illa fortunæ, cuius circumactũ mũdi Monarchiarũ periodi immẽtur, videri posset. Sũmæ enim totius historiæ mũdi mutationes huic quasi inscriptæ circulo deprehenduntur : et enim omnes caperunt Monarchiæ cum ecentrici solis cẽtrum in aliquo insigni huius circuli parui loco fuisse animaduertũ est. & c.* E aqui diz que começou o Imperio Romano na mayor Ecentrecidade do Sol, que foy quando disse.

Oytaua 66.

Exaltauce Maumeth. O Imperio dos Maumeticos (conuem a saber dos Turcos. & Mouros) começou no segundo quadrãte deste circulo, como temos dito. E proua *João Charião math. Card. nos Aph. & Iũtino loco. cit.* Pello q̃ agora tem sua diminuição, & deste aspecto se pode conjecturar q̃ se ha de arruynar de to

do

do neſte tempo. Pera o que ſe ha de aduertir, que ſuppoſto q̃ o anno de 1653. he donde ſe ade acabar o periodo do 2. quad. & começar o 3. por ſer entonces a menor Ecentricidade: com tudo muyto antes deſte tempo ſe hão de moſtrar ſeus effeytos, porq̃ o centro do Ecentrico quádo dece anticipa algũs minutos nos effeitos: quanto mais q̃ dez nem 15. annos ná he couſa de conſideração a reſpeito do mouimento tão vagaroſo deſte circulo, ajuntaſſe q̃ eſtamos nos effeitos da cõjunção Max. & nos do Orbe Magno: pelo q̃ podemos eſperar tãbem q̃ agora ſe effectuem os deſta Ecentricidade, na qual tem os Aſtrologos prognoſticado a ruyna do Imperio dos Turcos que Deos aſſim permita: aſſi o exarou Iuntino Loc. cit. dizendo, tratando do mouimento do circulo. *Cum ad mediocrem de lapſum eſſet terminũ hoc centrum, lex Mohometica eſt lata, & magnum Turcicum ortum Imperium, quod ad centri motum ſubito incrementum accepit. Iam circiter 80. annos, cum minima futura eſt Eccentricitas, & Sol proximus terris, Turcicum Imperiũ ſuã abſoluet periodum, quod circa hac tempora in ſummo eſt faſtigio à quo aque velociter. Deo volente lapſu grauiore ruet.* Eſcreueo iſto Iuntino quaſi na era de 1570.

Na

Na conjunção aquatica. As conjunções magnas, ou meyas, tem força na mudança dos Reinos, & Imperios, & ajudão a exaltar huns, & extinguir outros. O Maumetano (*como enſina Card.* 1. *Aph.* 53.) começou em hũa conj. magna, ou meya, feyta em ſigno de agoa: E como quer q̃ de conjunçã de agoa he coutraria a de fogo, como diz *Meſahala na ſua epiſt. & Albumas. de mag. conj.* ſegueſſe por conjectura que neſta Max. conj. ſe ha de arruynar o Imperio dos Turcos, & que ſe ha de aleuantar o Luzitano prouo nas ſeguintes oytauas.

Oytaua. 67.

E como da Fortuna no quadrãte. Nulla hora eſt mala, quin alicui ſit bona, diz o prouerbio, No ay bien ſin ageno daño. Pera q̃ ſe arruyne huã Monarchia, he neceſſario, que ſe aleuante outra, & pera hũa ſe aleuantar he neceſſario, que a outra ſe extingua: aſſi ſucedeo ategora nas Monarchias do mundo: Começou a dos Aſſirios e Bellos: extinguioſe eſta ẽ Ninos: começou a dos Medos, & Caldeos em Rabuco cahio a dos Medos ẽ Balthaſar leuãtouſe a dos Perſas em Dario: arruynouſe a dos Perſas noutro Dario: exaltouſe a dos Gregos no Magno Alexandre Rey de Macedonia: Cayo eſta, começou a Romana em Iulio Cezar: aniquilouſe

ſe a Romana, em Conſtãtino começa dos Gò dos, arruynouſe a dos Godos entronizouſe a dos Turcos, & Mouros em Selim: ha de cair a dos Turcos neſte Bajaceto he neceſſario, q̃ ſe leuante outra, q̃ vencendo a Maumetana ſe faça no mundo mais victorioſa, & potente: eſta digo que ha de ſer à Luzitana:

Temos dado duas cauſas extrinſecas da mudanças das Monarchias: huã ſoy, as cõjunções dos dous Planetas ſuperiores Saturno, & Iupiter, & outra a mudança da Ecentricidade do Sol, notada no pequeno circulo, & em ſeus quadrantes; conuẽ agora explicar como ſe ſabera q̃ eſtas duas cauſas denotão a Monarchia Luzitana: ſobre o quadrante do circulo ſe leuanta hũa figura celeſte (como aduerte Albunaſ. de mag. cõj. & quaſi o q̃r aſſi entẽder Ioachimo na explicação cit. deſte circulo) & logo vemos q̃ ſigno fica na 10. caſa, que he a de Reis, & de Reynos: & porque cada hum dos ſignos tem particulares dominios em regiões & cidades particulares ſe cõſidera, pera delle ſe julgar a parte q̃ ſe ha de exaltar: na menor Ecentrecidade, fica na 10. caſa Libra, ſigno q̃ mais propriamente domina neſta cidade de Lisboa: & eſtà no Aſcendente Venus, Iupiter na 10. caſa em ſigno fixo denotando, que no

Ocidente

Ocidente ſe ha de exaltar a Monarchia.

Na conjunção proxima ſe ha de notar que preciſamente em rigor geometrico, eſta perpendicular ſomente a Lisboa, conforme a cõputação Thiconica, q̃ eu geometricamẽte tenho moſtrado em outro lugar: & iſto he oque digo no lugar Cazimi metaphoricamẽte: porque Cazimi propriamente ſignifica *como diz Schonero par. 2. can.* 16. O coração do Sol, conuem a ſaber em ſua conjunção corporal, com algũ Planeta de maneyra q̃ a raya, que ſair de noſſa viſta paſſe por meyo do Planeta, & por o coração, centro, ou meyo do corpo do Sol: o qual Cazimi ſe faz eſtádo o Planeta 16. minut. de latitudo, & lõgitudo do corpo do Sol, porque excedendo eſte eſpaço de 16. min. nã ſerà Cazimi, ſe não conjunção: & no Cazimi vne o Planeta ſua virtude cõ a do sol, & por o meſmo rayo do sol a comonica neſte mũdo y aſſi eſtà entonces muy forte, & tem grande dignidade, ſendo anſi q̃ excedendo os termos de Cazimi, fica cõbuſto debil, & fraco, como he em todas as conjunções. E Ali compàra o Planeta combuſto a hũa peſſoa catiua, cujas forças eſtão preſas, & ligadas: Digo pois, q̃ ſu poſto, q̃ não poſſamos ter exactamente as conjunções de nenhũs Planetas, ſenão da Lua,

como diz Cardano, que lançada figura a todos os meredianos, em nenhum se vnẽ tãto, quasi em Cazimi , os dous Planetas superiores na Max. cõj. passada, como no desta cidade de Lisboa: como se pode ver da calculaçã Thiconica, pelo q̃ ficão a respeiro desta Cidade cõ esta dignidade, q̃ val sinco graos de fortaleza: & a respeito de todos os outros Meredianos tem sinco graos de debilidade, q̃ he o que se padece em qualquer conjunção & assi a exaltação q̃ denotão da noua Monarchia , ha de ser em Portugal, pois nelle imprimé beneuolas influécias: & tem os Planetas. s. Satur. & Iupit. melhor natureza por rezão daq̃lla dignidade semelhãte a de Cazimi: acrecẽtasse mais as outras causas q̃ ja dissemos, e abaixo referiremos.

A Monarchia ocupa &c. Mostrey assima, q̃ o Imperio Octomano começou nũa cõjunção magna de agoa, pelo q̃ ha de acabar na seguinte de fogo, q̃ he a contraria: & como nesta de fogo se exalte a Monarchia Luzitana, se conjectura q̃ hade vẽcer a Octomano, como mais claramẽte mostrarei na seguinte anotação, agora digo q̃ as Monarchias antigas se mudarã desta sorte, a dos Assyrios começou nũa conjunção Max. & se arruynou nũa magna no signo de Cancro, donde se exaltou a dos Medos o Im-

o Imperio dos Perſas (*como diz Cardano* 1. *Aph.* 53.) começou nũa cõjunção magna em ſigno terreo; pello q̃ ſe arruinou no Imperio de Alexandre, q̃ como diz o meſmo author, ſe aleuantou em hũa conjũção magna feyta em ſigno aereo, contrario ao dos Perſas.

Oytaua 68.

Confirma a Luzitana, &c. A outra cauſa que trazem os Aſtrologos, das mudãças dos Imperios, & regiões, he a mudança dos Auges dos Planetas, & generalmente o diz Cardano, cõ eſtas palauras. 1. *Aph.* 37. *mutationes Abſidũ regna, regiones, & relegiones mutant*; E eſpecialmẽte a mudãça do Auge do Sol, porq̃ tem muyta força na terra: pera o q̃ ſe ha de aduertir, q̃ cõſiderando os Aſtrologos eſta mudãça, diuidem o mũdo, pelo circulo equinocial, em duas partes Auſtral, & Borcal, ficãdo o ocidẽte cõprendido na Boreal, & o Oriẽte na Auſtral, & pera aquella parte, pera donde caminha, & mais ſe achega o Auge do Sol pera alli ſe aleuãta o Imperio, & aparte cõtraria ſe faz inhabitauel, & ſogeita a outra: iſto tudo he doctrina de Cardano 5. Aph. 129. donde diz. *Abſis ſolis ab Ariete ad Cancrũ proficiſcens inhabitabilem redit Auſtrinam partem, Borealem antẽ habitabilem facit: à Cancro ad Libr̃a bene habitabilem Borea*

lem,& Auſtrali dominantem:à Libra ad Capricornum Auſtralem habitabilem,ſed Boreali parti minime imperantẽ:a Capricornio ad Arietẽ imperantẽ Auſtralẽ Boreali deſſolatæ efficit. O Auge do Sol vay caminhãdo agora de Cãcro pera libra,como ſe ve de ſua calculaçã,pois eſte anno de 1624.eſtà em 10.gr. 14.min.16.ſeg. de Cancro.E vay caminhádo ſegũdo a ſucceſſaõ dos ſignos pera Libra quaſi dous min. cadano:pelo q̃ a parte Boreal ſerà bẽ habitauel & dominarà na Auſtral:& como Lisboa eſte cõ particular razão ſojeita ao ſigno de Libra recebe ẽ ſi a influẽcia deſte mouimẽto como parte Boreal,q̃ tẽ mais dignidades neſte mouimẽto: como ſe cõjectura pelo juizo da figura leuãtada a eſte põto:& lhe fica ſojeita a Auſtral, ſ. Turquia, na qual ha de dominar eſta noſſa Boreal:&por outras particulares razões q̃ naõ ſaõ deſte lugar:*quia vulgo miranda haud explicanda ſunt:* Oytaua 69.

Do Orbe Magno tambẽ. Muytos Aſtrologos tem pera ſi,q̃ os Orbes Magnos ſomẽte denotão diluuios,& inundações de agoas, porẽ os mais peritos por elles ſomente julgão das Monarchias do mundo:ve ſobre o quando ſe alcança o Orbe Magno a Iuntino no ſeu trata do *de reuol.annorũ mundi cap.*9. Eaduirte que ſomen-

ſomẽte pella eſpeculatiua dos effeitos do Orbe Magno fez Torcato aq̃lle ſeu inſigne prognoſtico q̃ mandou ao Duque de Ferrara: Ioão Carrião fez particularmente hũ tratado diſto impreſſo em Leão de França an. 1543. ahy ſe eſpeceficão as razões q̃ tras ſobre a Monarchia Luſitana ſer a vltima & mayor por rezam do Orbe Magno: vejaſſe, q̃ minha tenção não he treſladar liuros, nem comentar o que quero eſcreuer cõ algũa obſcuridade.

Oytaua 70.

Mas não quero q̃ entendas q̃ he preciza. Supoſto q̃ os Aſtrologos referem as cauſas q̃ diſſe, ſobre as mudãças dos Reinos, & Monarchias, não ſão preciſamente infalliueis, porq̃ Deos ſomente he o q̃ da os Imperios, & os muda como he ſeruido. *Et ipſe* (diz Daniel c. 2. ver. 21. *mutat tẽpora & ætates, transfert regna, atq; conſtituit.* E nos Prouerb. ſe diz c. 8. *Per me reges regnant, & Principes impsrãt &c.* E ſuppoſto q̃ ſaõ cauſas naturais, as q̃ dão os Aſtrologos, não ſe ha de dizer q̃ hão de ſoceder infalliuelmẽte cõ neceſſidade fatal: porq̃ nẽ das outras cauſas naturais ſe pode dizer, q̃ hã de ſoceder neceſſariamẽte; pois hũas & outras não podẽ prouir ſem o intermeyo de algũa cauſa liure angelica, ou humana: & nẽ as chuuas, vẽtos, & ſemelhãtes

lhátes effeitos, q̃ saõ os q̃ parecẽ sumamẽte nã turais, se ha de affirmar, q̃ hão de suceder com necessidade fatal, & infaliuel: porq̃ permitindoo Deos, ou ordenãdoo assi se impedẽ como se ve *do Propheta Agco c.* 1. *prohibita sunt pluuia de cœlo, & terra nõ dedit germẽ suũ*: dõde Deos como causa primeira prohybio q̃ nã chouesse o Ceo, & q̃ a terra não desse seu fruto: inda q̃ a disposição Celeste sinalasse outra cousa: & a terra frutificara, & os ceos chouerão se Deos não prohibira, pelos pecados do pouo, q̃ não fizessem, & causassẽ seus effeitos: dõde se disse no *Psal.* 106. *posuit terrã fructiferã in salsugine, à malitia inhabitantium in ea*, por a malicia do pouo fez Deos q̃ a terra nã fructificasse: assi q̃ se podẽ impedir os effeitos naturais pela causa primeira: & tambem em particular se podem impedir da indisposiçã da materia, o q̃ affima S. Tho. *p.* 1. *q.* 115 *art.* 6. *ad.* 2. dizẽdo, *grossities materiæ, vel frigiditas vel caliditas, aut alia huiusmodi dispositio, impedire potest effectũ corporis cælestis*, assi q̃ os effeitos naturais se podẽ impedir, & nunca seus prognosticos podẽ ser absolutamente verdadeiros.

Oytaua 71.

O felice do mũdo ou Fado aduerso. Muytos dos Philosophos antigos attribuyão todos os efei

tos do vniuerſo ao Fado, o qual conſtituyam em certa ordé, & ataméto das cauſas, das quais deziáo q̃ prouinhão todas as couſas, & effeitos de neceſſidade preciſſamẽte; & deziáo que o Fado era a colligácia das cauſas, & q̃ trazia ſua efficacia dos mouimẽtos, & forças das ſtrellas *de Albert. 2. phiſ. tra. 2. c. 19* & ſupoſto q̃ muytos não negarão q̃ eſta ordé, & colligácia das cauſas ſegundas, prouinha da vontade diuina, cõ tudo a attribuyão a neceſſidade prefixa, & ineuitauel, inda a reſpeito de Deos, o q̃ refere Caſtro q̃ entre os Herejes ſentio Pedro Abaĩ lardo, *in verbo libertas, & Futurum contingens*; o q̃ tudo alem de ſer heretico, he cõtra a razáo pois cõ iſto ſe deſtrue a liberdade do liure aluedrio: & contra eſta ſentẽça eſcreueraõ Euſebio *lib. 6. de prep. euãg. c. 5 & 6. & largamẽte Chriſ. in orat, de prouid. & S. Aug. por todo o 5. l. de ciuitate Dei.* E outros muytos.

Oytaua 72.

Das cauſas naturais ao ligamẽto. O nome Fado, tomado, naõ no rigor do nome, & ſignificaçaõ, ſenaõ pela diſpoſição das cauſas naturais em quanto ſe ſojeitaõ àdiuina prouidécia & conforme a ella, & a ſua premiſſaõ obram infaliuelmente permitindoo aſſi Deos ſe concede pellos Doctores, como ſe ve de S. Tho.

p. 1. *qu.* 116. *ar.* 1. por quanto o Fado neſte ſignificado, naõ he outra couſa, ſenaõ, q̃ as cauſas ſegundas eſtaõ ſubordinadas, & dependentes da Diuina Prouidécia, em quanto eſtas cauſas ſegundas ſaõ ordenadas por Deos. pera produzirem eſtes effeitos demais diſto ſe ſignifica, q̃ as cauſas ſegundas não obraõ nada, q̃ naõ ſeja primeiro precognhecido, e pretalado de Deos & iſto ſignifica o nome Fado, do verbo fando que quer dizer fallar.

Effeito da Diuina prouidencia. Algũs differã q̃ o nome Fado, q̃ agora explicamos era ſoo a Prouidécia de Deos pura. cõ tudo nem com a explicaçã, q̃ diſſemos ſe pode atribuir a Deos como nota S. Thom. *cit. ar.* 3. *de Boetio*; porq̃ o Fado he diſpoſiçaõ das cauſas, q̃ eſtaõ ſob a q̃ Deos determinou, & eſta diſpoſiçaõ naõ he o meſmo Deos, nẽ ſua vontade ou prouidencia ſenã ſeu effeito: porq̃ o nome fado ſe intrepreta deſte modo, por aquillo q̃ ſe fallou, como ſignifica o verbo fando, & naõ por aquillo q̃ o fallou. E nem pello cõſeguinte ſe pode atribuir o nome Fado neſta ſignificaçaõ, aos actos liures da võtade creada: porq̃ o liure aluedrio ſò a Deos ſe ſojeita immediataméte, & nam a outras algũas cauſas: ou diſpoſiçaõ dellas, ſenã por acidéte, & remotaméte como logo diremos.

O huã

O humano não se força entendimento. Antigo foi o erro de algũs Philosophos, q̃ deziaõ q̃ todas as ações, & effeitos das causas do vniuerso ate os das vontades humanas, prouinhaõ dũa necessidade fatal, nacida do ligaméto de todas as causas, & do influxo dos Ceos, e strellas: de maneira q̃ todas nossas obras attribuiã ao Ceo põdo nos effeitos naturais necessidade, & força: no q̃ destruyão a liberdade da võtade & liure aluedrio do homẽ, tirãdo cõ isto, o premio da virtude, & a pena do vicio, & pecado: pois naõ pode auer virtude, né vicio no q̃ se faz de necessidade, *como diz Damasc. l. 2. de fide. c. 7. E o ensinou Dionizio c. 4. de diuin. nominibus & S. Agost. l. de vera relig. c. 14. & epist. 46.* dizẽdo q̃ tirado o liure aluedrio, se tiraua o juyzo, & justa pena: muitos como digo o negará como diz *S. Agost. 5. de ciuit. Dei c. 1.* dõde Lodouico Viues assigna por sequaces desta sentẽça a Democrito, Empedocles, & Heraclito: & tanto creceo este erro pera cõ os gentios, principalmẽte Babilonios, & Caldeos, q̃ deixando o verdadeiro sacrificio, q̃ sò a Deos se deue, offereciáo encenso, & sangue humano, sacrificando às Intelligẽcias, q̃ mouião os corpos celestes, & faziáo outras abominações, cõ as quais prouocado Deos Optimo Max. em muitos lu

gares da Escritura ameaça a Babilonia por razão de seus encantadores, consultadores das strellas, desprezadores de sua honra, & Apostatas de seu culto.

Mas que o homem tenha liure o aluedrio, & que cousa nenhũa o possa forçar, proua naturalmente o P. Soares *sobre a metaph. disp.* 19. *sect. num.* 11. *cum seqq.* Alem do q̃ nem o Ceo nem as strellas tem directo influxo na alma, que he eterna, & immortal. & a influencia dos Astros, não tem mais actiuidade, que nos elementos, ou seus compostos, o que a alma não he: assi q̃ o homem tem liure o aluedrio, & he señor de sua vontade: & esta verdade se proua com a S. *Script. no ca.* 4. *do Gen.* donde Deos disse a Caim. *Nonne si bene egeris, recipies, sin autẽ male statim in foribus peccatum tuum? sed sub te erit appetitus eius, & tu dominaberis illius.* E està tambem determinada de fè Catholica por muytos Concilios, & condenada a contraria por heretica, contra a qual disputou largamẽte *S. Agost. no. l. contra Festo, & Manichco, & S. Thom. na* 2. *sent. dis.* 5. *q.* 2. E todos os Theologos neste lugar.

Que vence aos que se inclina co a prudencia. Como quer que o homem naça segundo o corpo sojeito aos corpos celestes de Dionis. 1. *de*

1. *de diui. nomi.* (suppoſto que ſegundo o intellecto ſe ſojeyte aos Anjos, *ex S. Tho. p.* 1. *q.* 19. & ſegundo a vontade naça ſojeito a Deos conforme aquillo dos Prouerb. 11. *cor hominis in manu Dei*) alterão, & mouẽ os ditos corpos Celeſtes. ſ. Aſtros ao corpo humano (como compoſto de elementos) & o diſpõe em differentes diſpoſições, & varias alterações: & como a alma (na qual, nem em potẽcia algũa ſua tem influxo, ou operação os corpos celeſtes) eſtando no corpo não poſſa obrar, ſe não mediãte os ſentidos, e eſtes tenhã orgãos corporais, aos quais diſpõe & altera o ceo: daqui vem, que ſegundo a boa, ou mà diſpoſição deſtes orgãos fação boas, ou màs aprehenſoẽs. & ſegundo a boa, ou mà aprehenſaõ dos ſentidos, tenha o entendimento boas, ou màs intelleçõe, (*porque ex philoſ. neceſſe eſt intelligentem phantaſmata ſpeculari:*) & ſegundo o bom, ou mao juizo do entendimento a vontade, potencia da alma, faça boas ou mas eleçõe. Mas eſtas não as faz forçada, porq̃ ſempre tem ſua liberdade, & nenhũa creatura a pode forçar, ou neceſſitar: porque aquillo he hũa inclinaçaõ da diſpoſição dos orgãos corporais. E quando elege mal, he, porque quer condeſcender, & conformarſe com o ape-

tito eſpontaneamente pois deſprezada a inſpiração de Deos, pera bem, & a illuminação do bom Anjo, ſe deixa leuar da affeyção corporal a aquellas couſas, a que a influencia do Ceo, o inclina, de maneira que aſſi a vontade como o entendimento ſe inuolua com a maldade conforme aquillo *do l. da ſapien. c. 9. corpus quod corrumpitur, aggrauat animam, & terrena inhabitatio deprimit ſenſum multa cogitantem.* E niſto conſiſte ſer o pecado acto mortal, & liure: pois podera a vontade reſiſtir ao apetito, & fazer eleição em contraria parte boa, & niſto conſiſte o acto liure da virtude moral; de donde ſe ſegue que o Ceo directamente não pode mouer a vontade, mas pode mouer, & diſpor os orgãos dos ſentidos, & apetito (mudandolhes o temperamento) & eſtes atraer aſſi a vontade, não forçádoa, ſenão diſpondoa, & inclinandoa, & fazẽdolhe difficuldade na reſiſtencia mayor, ou menor, ſegundo laõ mayores, ou menores as inclinações do homem, mas ſempre a vontade pode vencer ſe quiſer: mas como aja poucos homẽs que reſiſtão à inclinação, & apetito daqui vem que muytas vezes o juizo dos Aſtrologos he verdadeiro ſobre as naturezas, & coſtumes dos homens: E iſto he ſentença de S. Tho-

Thomas, o qual na *p.* 1.*q.*115 *art.*4 diz. *Plerumq; Astrologi verum dicunt in iudicandis hominum moribus, pauci enim sunt, qui resistunt sensui*; mas se o homẽ for sabio dominarà nas estrellas como diz Ptolomeo. *Sapiens dominabitur Astris.* O que explica Santo Thomas dizendo, que como o sabio não se deixe leuar do apetito, ou inclinação do corpo domina nas estrellas, & não lhe he obstaculo a influencia do Ceo, pera que deyxe de amar a virtude, & aborrecer o vicio, & eleger em suas ações aquilio que a razão & entendimento julga que he melhor & por esta causa frequentemente faltão os juizos dos Astrologos neste particular: diz pois o S. opus. 25. cap. 4. estas palauras. *Ptholomeus dicit in Centiloquio quod sapiens homo dominatur Astris, idest inclinationi, quæ ex Astrorum dispositione relinquitur stulti verò omnino secundũ eam agũtur, quasi ratione non vtentes, in quo parũ discordant à bestijs, secundũ illud Psalmi. Homo cũ in honore esset, non intellexit, cõparatus est iumentis insipientibus, & similis factus est illis, & quia stultorũ secundũ Salamonem infinitus est numerus, in paucis ratio perfecte dominatur: in pluribus heminũ inclinationes cœlestium corporũ sortiũtur effectũ: & propter hoc quandoq; Astrologi ex inspectione*

stella-

ſtellarum vera prænuntiant: præcipue circa cõmunes euentus, quannis in particularibus frequẽter deficiant, propter rationẽ, quæ corporibus celeſtibus non eſt ſubiecta. Ate qui o S. donde diſſe o Poeta. *Nullum numen abeſt ſiſit prudentia, ſed te Nos faciamus Fortuna Deam, cœloque locamus.*

E porque na oytaua aſſima 7o. diſſe que eſpeculaua ſomente as cauſas naturais, quero aduertir, que a adeuinhação, & prognoſtico natural ſe toma das meſmas cauſas vniuerſais da natureza: & aſſi he permitido, porque he licito eſpecular os ſinais das cauſas naturais *ex Santo Thomas 2. 2.q.95. art. 3.& Azor. to. 1. inſt. mor. li. 9. cap. 15. Leonard. lib. 2. de juſtit. cap. 43. dub. 7. num. 43.* O prognoſtico da Iudiciaria natural, ſe toma do conhecimento natural das ſtrellas, que ſaõ cauſas vniuerſais da natureza: & com eſte não ſe trata de ſuceſſos futuros contingentes que pendem da ação humana, & de ſeu liure aluedrio mas ſomente ſe prognoſtica de effeytos naturais, nos quais ſe não poẽ neceſſidade: & aſſim não ſo he premetida eſta parte da Aſtrologia, mas louuada dos Iuris Conſultos *c. ſiquis Grammaticam diſtinct. 37. cap. ex tuarum de ſortileg.* a qual fauorece o direito das 7. partidas *l. 1. tit.*

23. *par.*7.com eſtas palauras. *Eſta ſegun el fuero de las leis non es defendido vſar, a los que ſon maeſtros, y la entienden.* E como o que eſta Aſtrologia prediz ſeja cum formidine oppoſiti, como dizem os Theologos, he delles admetida, como ſe ve de Santo Thomas *cit. Vuimpin. 1. de fato, & de ſuperſt, 2. cap. 7. Scoto lib. 5. de juſt. q. 10. art. 2.* & a pode vſar qnalquer ſciẽte, ſem que por iſſo encorra em pecado, *ex Toledo na ſumm. lib. 4. cap. 15. numer. 6. Frey Manoel Rodriguez na ſum. tom. 1. cap. 17. num. 2.*

O prognoſtico q̃ vou prodondo he tirado da conjunção maxima, & do Orbe Magno: & juizos dos anos ſeguintes, não eſpecificarei mais authores por não fazer mayor lectura; & porq̃ não conuem explicar tudo ao vulgo.

Oytaua 74.

Tambem nas aras delphicas.

Oytaua 99.

A attropellar do Turco o ſceptro abaſta. Alem das razões Aſtrologicas, por donde ſe conjectura que o Imperio Luzitano ſe ha de leuantar com ſuprema monarchia, & que ſeu Rey & Monarcha o ha de ſer da mayor parte do mun-

mundo, vencẽdo aos Mouros & Turcos, acho alguns vaticinios proſeticos, que varões ſantos & pios, deixarão eſcritos ſobre eſte particular. Ião Charion, que atras ja notey no liuro que intitulou. *Chronicorum libellus, maximas quaſque res geſtas, ab initio mundi apto ordine complectens: ita vt annorum ratio, ac præcipuæ viciſſitudines, quæ in regna, in Religionem, & in alias res magnas incidunt, quam rectiſſime cognoſci ac obſeruari queant:* Todo eſte titul. pos no liur. que imprimio em Leam de França no anno de 1543. diz fol. 358. que achou hum vaticinio, que começa. *Excitabitur Cæſar perinde ac homo dulci ſapore correptus à ſomno. hic reputabitur ab hominibus veluti mortuus* (como o Rey, o Cezar eſtiueſſe ſem tomar armas, ſem gozar das coſtumadas victorias, cuydarão os homens que era morto; que não tinha a potencia de antes, o que eſpero em Deos que ſe ha de agora vereficar em Phelippe o terceiro de Portugal que imaginando os inimigos que eſtà quaſi morto ſe excitarà do ſomno, pera vencer o mundo todo) continua Carriam, & diz.) *Et aſcendet ſuper mare magnũ & inuadet Turcas, & vincet eos, vxores, & liberos eorum ducet captiuos. Ingens metus, & terror magnus obruent Turcas:*

mulie-

mulieres, & pueri eorum lamentabuntur, & querelas effundent; Omnis terra Turcarum tradetur in manum Ramani Cæsaris:

Parece q̃ se verifica este imperio nos Monarchas Portugueses, conforme, o q̃ Christo Crucificado disse a el Rey dõ Afonso Henriques quando lhe apareceo dizendo. *Ego enim ædificator, & dissipator Imperiorũ, & Regnorũ sum. Volo enim inte, & in semine tuo, imperium mihi stabilire, vt deferatur nomen meũ in exteras gentes:* porque supposto q̃ na 16. geração se attenuasse, & fosse vencida, Deos tẽ cuydado de atentar por ella, no juramento do mesmo Rey està oq̃ lhe disse o S. Hermitão. *Dilectus es Domino; posuit enim super te, & super semen tuum post te oculos misericordiæ vsq; in sextam decimam generationem, in qua attenuabitur proles, sed in ipsa attenuata ipse respiciet, & videbit.*

Ay outro vaticinio de Saõ Cyrillo, que começa. *Tempore annorus 54. orietur Sol, &c.* E outro de Sam Izidro §. *Occultus Rex bis pie datus, &c.* Outro de Theophilo Bispo Santo *Dum secundum imperium occupabitur. &c.* Outro de Methodio Bispo §. *Expergiscetur Rex in furore magno, &c.* O da Sybila Erythrea §. *Compressa Aquila cuius nomen*

qnin-

quinque apecibus inæstimabiliter scriptum, &c.
Todos os quais denotão que o nosso Rey, o nosso Phelippe, o nosso Monarcha Luzitano, ha de vencer ao Turco, & se ha de exaltar pello mais poderoso Monarcha do mundo: & ha de ser o Leam que destrua a regiam de Asia, conforme aquillo da Sybilla Erithrea. *Leo conteret regionem Asiæ, vt debilitet, & cõfringat capita bestiæ: & colocauit Agnum sceptrum bestiæ, & vsque huc sede eius.*

Oytaua 83.

Heliaco descobrem nacimento. He modo de fallar dos Mathematicos, porque nacimento heliaco, he quando a Estrella, ou Planeta, se começa a ver, a qual não podia de antes aparecer por andar opprimida debaxo da luz, & rayos do Sol: *Diz Cardano* 1. *Aph.* 136. (pera declaração da oytaua) que em tempo de conjunções Maximas nacião varões illustres, conuem a saber se descobrião com nouos & excellentes feytos: como se tem prognosticado nesta Max. conj. o que digo he seguindo a este author, & especifico ao nosso Monarcha por ser conforme aos vaticinios que arriba trouxe.

Tras em seu nome o ferro. Vaticinio antigo que refere Comestor, que hum Principe de Hespanha, que tiuer o nome de ferro, ha de ser destruyção dos Agarenos: isto intrepetàrão algũs por el Rey dom Fernando o Catholico, mas elle dizem que respondeo (visto não cõprender no nome a tal significação) que não era aquelle, mas que o auia de ser seu herdeiro assim o disse Chariáo cit. com estas palauras. *Audiui ex Luzitano quodam, Astrologum quendam dixisse Ferdinando Cæsaris nostri proauo, ab Hispaniarum Rege, Turcicum Imperium, domandum, ac euertendum esse, & hunc ipsum regem intrepretatum esse de Ferdinando: sed respondosse Ferdinandum se id non esse facturum, sed hæredes suos posteros.* O que confiamos em Deos que farà em nossos tempos seu descendente Phelippe.

Oytaua 85.

Extremo superando o Promontorio. Refere isto Frácisco Nauarra de Xatiua, sobre a cõjunção Maxima, referindo a profecia do Sãto Varão Nicolas Factor por os annos de 1430.

Oytaua 96.

Verás em nouos thronos. Ia disse que hia.

particularizãdo algũs effeitos do Orbe Magno & conjunção Maxima: diz ſobre ella Andre Gonçaluez Salmaticenſe cit. *Multi Magnates ruent, humili loco excelſi exaltabuntur.*

Oytaua 95.

As Plagas diſſe a Ninfa mais vrgentes. E ſam peſte, ſome, & guerra: de mais de ſerem effeitos da conjunção Maxima, & Orbe Magno: o tirey pella de Marte, & Saturno, por ſe ajuntar então a Lũa com Saturno pois eſcreue Cardano 5. *Aph.* 91. *de ſentença de Rhaſis, & Almançor prop.* 132. que ſe ſe ajuntarem duas infortunas, ſe ha de ver com qual a Lua concorda na latitudo, porque ſe conuier con Saturno, auerà ſome & peſte, & ſe com Marte deſtruyçõeſ, mortes, & mudança de Reynos, o que acontece eſte anno, ſegunda feira. 12. de Agoſto ao meyo dia que ha cõj. de Sat. & Marte, & em 21. graos 57. minutos de Leo & ſuppoſto que a Lũa eſte neſte tempo nos primeiros graos de Leão, com tudo antes que os Planetas ſe aparté dos rayos de ſeus Orbes, ſe ajunta a Lũa com elles ao dia ſeguinte em conjunção: a qual tambem fazem Saturno, & o Sol logo a quarta feira ſeguinte 14. do dito mez, com que mais fica inficionado o ar, porque

que o Sol com os bons he bom, & com os maos, mao:

Oytaua 116.

Cos effeitos que digo se alworota. Não ha nenhũa sciencia por donde se prognostiq̃ guerra *diz Cardano 7. Aph.* 120. denotão na os Ecclipses em signo de fogo, & os Cometas: *Albumas. in de flor. c. de bellis & guerris*, diz que a sciencia das guerras, & batalhas se ha de tomar do lugar, & Senhor de Marte, & de sua conjunção, oppoſição, & quadrado com Saturno: que he o por onde eu digo o que se aqui contem nesta & seguintes oytauas: ao que ajuda os effeitos que tenho dito da conjunçã Maxima, & Orbe Magno.

Oytaua 120.

Denota que hum profeno Heresiarca. Andres Gonçalues cit. *Quidam Satan, vel Pseudopropheta, aut Heresiarca nouus nouis erroribus, multorum animos perturbare conabitur, &c.*

Eporque tenho explicado o q̃ so conuinha declarar, tudo o que tenho dito sobmeto sob a correção, & sensura da S. Madre Igreja Romana. Lisboa 10 de Feuereiro 1624.

Doctor Manoel Bocarro Frances.

EM LISBOA.

Com todas as licenças necessarias.

Impresso. Por Antonio Aluarez.
Anno de 1624.